



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

VITÓRIA SOARES SILVA

**OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**

**Brasília
2024**

VITÓRIA SOARES SILVA

**OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da professora Dr^a. Caroline Bahniuk.

**Brasília
2024**

VITÓRIA SOARES SILVA

**OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília
como requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Banca Examinadora

Profª. Drª. Caroline Bahniuk (Orientadora) – Faculdade de Educação – UnB

Profª. Drª. Benedetta Bisol (Titular) – Faculdade de Educação – UnB

Profª. Drª. Adriana Matos Rodrigues Pereira (Titular) – Faculdade de Educação –
UnB

Prof. Dr. Marcelo Fabiano Rodrigues Pereira (Suplente) – Faculdade de Educação –
UnB

Brasília

2024

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao meu Deus por tudo que ele fez até aqui, me proporcionando a oportunidade de fazer um curso de graduação na Universidade de Brasília, pois foi um grande privilégio.

Aos meus pais, gratidão, porque lutaram bravamente para que eu chegasse até aqui. Sua ajuda, aconselhamentos e amor foram cruciais para a minha jornada acadêmica, de fato se tornaram uma efetiva rede de apoio.

Sou muito grata a todos os professores que passaram pela minha vida, que de algum modo contribuíram para minha trajetória. Especialmente aos professores do Ensino Médio que muito estimularam os alunos a fazerem o Programa de Avaliação Seriada (PAS), sistema que me fez entrar na UnB. Muito obrigada!

Agradeço a todas as minhas colegas de graduação que nos momentos em que me sentia perdida, deram seu socorro com informações importantes que eu muito necessitei. Especialmente, Fabíola, Danielle, Shelda e muitas outras que me ajudaram e me motivaram a não desistir de tudo.

Agradeço aos professores da Faculdade de Educação que foram excelentes mediadores da minha formação acadêmica e me inspiraram a ser uma boa docente.

Agradeço também às professoras da banca examinadora que mesmo nas férias, aceitaram participar da apresentação deste TCC. Me sinto muito privilegiada por fazerem parte deste momento.

Por fim, meu muito obrigada vai para a professora Caroline Bahniuk, que sempre foi uma querida comigo, me orientando de maneira excelente na construção desta monografia, suportando todos os meus longos áudios e questionamentos no whatsapp.

RESUMO

Esta monografia reflete sobre os anos iniciais do Ensino Fundamental no contexto da pandemia. A pesquisa possui o objetivo geral de: Compreender como ocorreu o processo de ensino remoto nos anos iniciais do Ensino Fundamental no contexto da pandemia e os principais impactos para a educação das crianças. Decorrem desses os seguintes objetivos específicos: Identificar as diferentes análises sobre os anos iniciais no contexto da pandemia; reconhecer os impactos do ensino remoto na aprendizagem das crianças e identificar as dificuldades enfrentadas por estudantes, professores e pais no processo de ensino na pandemia. E por se tratar da fase alfabetizadora da criança, traz consigo os grandes desafios de gerar efetiva aprendizagem via ensino remoto. Essa pesquisa refere-se a uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Para tanto, foi realizada uma pesquisa no Portal de Periódicos Capes com artigos publicados no período de abril de 2020 a dezembro de 2023. Foram considerados para os critérios de inclusão: artigos completos e disponíveis gratuitamente para visualização e download; publicados em periódicos; revisado por pares e em língua portuguesa. Excluímos artigos que tratavam de alguma disciplina e ou modalidade de ensino particular nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Após leitura e reflexão dos resumos dos artigos, foram selecionados quatro artigos para a análise e mais três encontrados no google acadêmico, perfazendo um total de sete produções. Esta monografia encontra-se organizada em dois capítulos. No primeiro discutimos a situação do Ensino Fundamental anos iniciais no Brasil e os impactos variáveis nos sujeitos da educação. No segundo capítulo, refletimos sobre cada texto elencado pela pesquisa bibliográfica feita para esta monografia, com o objetivo de responder às perguntas alvos da pesquisa. A partir das sínteses dos artigos, foi possível identificar três tópicos de forte presença nas análises, sendo eles: as desigualdades educacionais na pandemia, impactos da pandemia na educação e as práticas pedagógicas desenvolvidas nesse período.

Palavras-chave: Anos iniciais do Ensino Fundamental. Pandemia da Covid-19. Ensino Remoto. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

This monograph reflects on the initial years of Elementary School in the context of the pandemic. The research has the general objective of: Understanding how the remote teaching process occurred in the early years of Elementary School in the context of the pandemic and the main impacts on children's education. The following specific objectives arise from these: Identify the different analyzes of the initial years in the context of the pandemic; recognize the impacts of remote teaching on children's learning and identify the difficulties faced by students, teachers and parents in the teaching process during the pandemic. And because it is the child's literacy phase, it brings with it the great challenges of generating effective learning via remote teaching. This research refers to a qualitative bibliographical research. To this end, a search was carried out on the Capes Periodicals Portal with articles published from April 2020 to December 2023. The following were considered for the inclusion criteria: complete articles and freely available for viewing and downloading; published in periodicals; peer-reviewed and in Portuguese. We excluded articles that dealt with any particular subject or type of education in the early years of Elementary School. After reading and reflecting on the article summaries, four articles were selected for analysis and three more found on Google Scholar, making a total of seven productions. This monograph is organized into two chapters. In the first we discuss the situation of Elementary Education in the early years in Brazil and the variable impacts on the subjects of education. In the second chapter, we reflect on each text listed in the bibliographic research carried out for this monograph, with the aim of answering the research questions. From the syntheses of the articles, it was possible to identify three topics with a strong presence in the analyses, namely: educational inequalities

in the pandemic, impacts of the pandemic on education and the pedagogical practices developed during this period.

Keywords: Early years of Elementary School, Covid-19 Pandemic. Remote teaching. Teaching-learning.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| Memorial..... | 9 |
| Introdução..... | 15 |
| 1.Os Anos Iniciais do Ensino Fundamental no Contexto da Pandemia da Covid-19..... | 19 |
| 1.1 Os anos iniciais do Ensino Fundamental no Brasil | 20 |
| 1.2 Os impactos da pandemia na escola e seus sujeitos: estudantes, professores e pais.. | 25 |
| 2. Os Anos Iniciais do Ensino Fundamental no Contexto do Ensino Remoto e da Pandemia da COVID-19: O que dizem as pesquisas?..... | 30 |
| 2.1 Síntese das Pesquisas sobre os Anos Iniciais do Ensino Fundamental no Contexto da Pandemia..... | 53 |
| Considerações Finais..... | 56 |
| Referências..... | 58 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AVA - Ambientes Virtuais de Aprendizagem
- BNCC - Base Nacional Comum Curricular
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEE - Conselho Estadual de Educação
- CF/88 - Constituição da República Federativa do Brasil de 1988
- CNE - Conselho Nacional de Educação
- CNN - Canal Nacional de Notícias
- COVID-19 - corona virus disease (doença de coronavírus)
- EaD - Ensino à Distância
- ENCCEJA - Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
- EJA - Educação de Jovens e Adultos
- FUNDEF - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
- IADE - Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional
- IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- IRB - Instituto Rui Barbosa
- LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- OECD - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
- OMS - Organização Nacional da Saúde
- ONU - Organização das Nações Unidas
- PAS - Programa de Avaliação Seriada
- RCAAP - Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal
- SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Brasileira
- SciELO - Scientific Electronic Library Online
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
- TIC's - Tecnologias da Informação e Comunicação
- UnB - Universidade de Brasília
- UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
- UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância
- USP - Universidade de São Paulo

MEMORIAL

Meu nome é Vitória Soares Silva, nascida em 08 de agosto de 2000, em Posse de Goiás. Toda minha família é goiana praticamente, tanto da parte de pai quanto de mãe, então minha vida remete muito ao Goiás e é o destino das minhas férias até hoje, para ver minha família querida. Cresci com meus pais casados, Enio e Rita, e dois irmãos mais velhos, Juliana e Igor.

Moramos no interior de Goiás, perto de onde nasci, até os quatro primeiros anos da minha vida, quando meus pais resolveram vir para Brasília por causa da escassez de trabalho da pequena cidade. Então nos mudamos para Pedregal- Goiás, em torno do Distrito Federal; e no segundo ano que morávamos lá, numa parte do ano frequentei uma escola particular de Educação Infantil. Para ser bem sincera não tenho muitas lembranças de quando era uma criança muito pequena, então não há muito o que dizer sobre esse período que estive nessa escola. Mas acredito que foi ali que comecei me apaixonar pela educação e suas áreas. Lembro-me que essa escola vendia uns livros com várias atividades, tinha até um de inglês e eu amava fazê-las, chegava a ter ciúmes desses livros durante toda minha infância, e até hoje tenho os tenho guardado para lembrança.

Depois de dois anos morando em Pedregal, meus pais foram trabalhar como caseiros de uma chácara no Núcleo Rural Nova Betânia- São Sebastião-DF, onde fui muito feliz com minha família, porque sou do interior, então lá tínhamos de tudo um pouco. Era um lugar incrível, eu e meus irmãos saímos pelo mato para brincar de exploradores, comíamos caju direto do pé e maracujá do mato que é bem docinho, já demos de cara com algumas cobras, também tinha um lago onde banhávamos e um córrego dentro da floresta com uma pequena cachoeira produzida por um tronco caído; a variedade de animais era muito grande também: tinha galinha, pato, os três cachorros que eu e meus irmãos dizíamos que eram nossos (Do meu irmão, Tião, um labrador preto que comia tudo que via pela frente e muito carinhoso; da minha irmã, Mingau, que era laranja parecendo uma raposa, muito lindo também e a minha era Fafa uma mistura que não sei dizer, era bem peluda num tom de cinza escuro, muito meiga), ovelha, carneiro, cocá, ganso, coelho, e as vacas das quais decíamos todas as manhãs com nossas canecas para tomar o leite da hora, às vezes com um pouco de Toddy, essa é uma boa lembrança! Tinha também um pomar, com variedades de frutas e uma horta que minha mãe cuidava com várias hortaliças e legumes. Lá éramos livres e muito felizes. Estudávamos no CEF Nova Betânia, íamos de ônibus escolar todos os dias. Eu estava fazendo a pré escola como se chamava na época e meus irmãos estavam nos anos iniciais do Ensino

Fundamental. Lembro que os três gostavam muito da escola e tiveram bons professores, com exceção de uma professora que também foi da minha irmã, um tanto agressiva e judiou de mim uma vez.

Novamente depois de dois anos fomos para outra chácara nas redondezas, que tinha algumas características parecidas com a anterior, mas possuía mais requinte pois tinha uma capela cristã, sala de cinema, sala de maquiagem, sala de frigobar para guardar sorvetes e carnes, um grande jardim onde eu brincava sozinha e com meu irmão apesar do acesso ser restrito e uma piscina que eu e meus irmãos tínhamos muita vontade de banhar nela, mas se entramos nela duas vezes na vida foi muito, e vários chalés onde os funcionários podiam morar. Infelizmente não fomos bem tratados naquela chácara e passamos menos de um ano ali.

Lá em Nova Betânia nós fazíamos parte da igreja evangélica local, e foi através dos pastores que meus pais conseguiram um lote no Residencial Morro da Cruz, localizado em São Sebastião- DF, onde moramos desde então. Isso porque o pai da pastora tinha uma chácara que estava loteando e virando uma rua. Foi então que meus pais começaram a construir a casa e nesse período eu e meus irmãos fomos passar um tempo na casa dos nossos avós. Isso aconteceu no primeiro semestre de 2008, eu e meu irmão ficamos nos nossos avós paternos e nossa irmã mais velha, na avó materna, quando em agosto do referido ano, finalmente voltamos e entramos na casa mesmo sem estar completamente pronta. Mesmo ficando lá em Goiás somente por um semestre, não deixamos de estudar. Eu comecei o 1º ano do Ensino Fundamental e quando voltamos terminei no Caic Unesco de São Sebastião, fazendo também o 2º ano. No 3º e 4º ano fui transferida à outra escola que ficava ao lado, a E.C Dom Bosco. Meus anos iniciais foram muito bons, sempre fui estudiosa e tinha gosto por isso, amava minhas professoras e faço questão de nomeá-las pois as guardo no meu coração com muito respeito e afeto: Gislayne, Andiará, Raquel e Iva Sirino. Esse período educacional, cheio de riquezas na aprendizagem, exemplos de professoras, com certeza me inspiraram a ser uma boa profissional da educação.

Os quatro anos dos meus anos finais foram realizados no CEF Miguel Arcanjo, também localizado em São Sebastião-DF. Para mim foi um novo mundo, com aquele tanto de professores, conteúdos mais complexos e novos amigos. A escola sempre é um espaço que oportuniza novas experiências de aprendizagens e socialização; nesse contexto fiz muitas amizades que serão para toda vida e sou muito grata à escola, que sempre foi uma mediadora dessas oportunidades únicas, sinto muita falta. Para falar a verdade eu tenho um apego emocional muito grande com as escolas que estudei, tive boas experiências e bons amigos,

sempre lembrando delas com muito afeto. Escrevendo agora esse memorial, consigo perceber que as boas experiências que tive com as escolas e ótimos professores são um bom resumo do porque também quero trabalhar na área da educação.

Os três anos do Ensino Médio foram realizados no CEM 01 de São Sebastião-DF, mais conhecido localmente como Centrão. Lembro-me perfeitamente do esforço da minha mãe para conseguir uma vaga no turno matutino. Chegamos eu e ela por volta das 5:00 horas da manhã para fazer a fila da matrícula com um banquinho e uma garrafa de café porque a secretaria só abriria às 8:00 e fomos o número 32 da fila. Devido São Sebastião só ter duas escolas públicas de Ensino Médio e uma terceira que só ter o 1º ano, as vagas são bastante concorridas, por isso o esforço dos pais para conseguirem vaga.

Desde cedo eu gostava de estudar, considero que minha história com a educação começou quando eu era bem pequena. Meus irmãos mais velhos às vezes não queriam brincar comigo, então eu me acostumei a brincar sozinha de vez em quando, especialmente do que eu gostava. E a minha principal brincadeira era ser professora! Certa vez, estava atendendo uma cliente, pois sou manicure, e estávamos conversando sobre nossas carreiras, e ela médica, se recordou que em sua infância brincava de ser médica e atender aos pacientes; então me perguntou do que eu brincava quando era criança, e com um sorriso no rosto disse a ela: brincava de ser professora! E concordo com ela quando disse que geralmente brincamos daquilo que queremos ser quando crescermos.

O meu quarto tem uma porta de madeira, então eu pegava giz de quadro negro e todos os meus bichinhos de pelúcia e bonecas, e fazia uma sala de aula bem sistematizada, com chamada e tudo que tinha direito. Olhando para trás, vejo que reproduzia muito do que minhas professoras faziam na escola, coisas boas e algumas nem tanto (espero ser uma docente melhor do que era para meus brinquedos). Teve uma época que alguns amiguinhos da rua estavam com dificuldade em algumas matérias na escola, então eu peguei uma cerâmica branca e uma canetinha, coloquei em cima de um banco e fazia uma sala de aula de reforço escolar na garagem da minha casa para eles, era divertidíssimo, me recordo com muito afeto desses tempos, pois enquanto brincávamos, também aprendíamos.

Meus pais vieram de um contexto muito simples, do interior. Naquela época era comum que as crianças concluíssem só até a quarta série do Ensino Fundamental. Foi o que aconteceu com minha mãe, que morava numa fazenda com mais três irmãos homens e seu pai, que era caseiro. Foi então que com 12 anos ela saiu de casa e ficou morando de favor na casa dos outros em troca de serviços de babá e empregada doméstica. Nesse período, passou por muito sofrimento e humilhações, então não teve chance de voltar a estudar. Com

aproximadamente 25 anos e três filhos para cuidar, ela entrou na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e conseguiu concluir até o sétimo ano do Ensino Fundamental, mas também teve que parar por ser muito difícil conciliar o trabalho e os cuidados com filhos e casa, sem contar que meu pai não conseguia manter as despesas da casa sozinho. Já sem esperanças e cansada da vida que leva como diarista, resolveu terminar os estudos através do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA), em 2022. E no momento está fazendo um curso de Gestão Administrativa e Informática, e procurando novos ares. Meu pai, teve um contexto familiar menos conturbado, conseguindo concluir o Ensino Médio e hoje trabalha como vigilante, pois como teve filho muito cedo, não fazia parte da sua realidade ansiar por uma graduação.

O objetivo de contar um pouco da história de vida dos meus pais é contextualizar a minha também. É claro que graças a Deus e a seus esforços, meus irmãos e eu sempre tivemos acesso a educação pública e nem tão favoráveis, mas possíveis oportunidades de ingressar no Ensino Superior. Infelizmente meus irmãos, por mais capazes que fossem, não concluíram o Ensino Médio.

Eu tinha alguns professores que incentivaram muito os alunos a fazerem o PAS para ingressar na Universidade Pública: Patrícia de Sociologia, Felipe de Matemática, a professora de Artes que estudavam as obras do PAS com bastante afinco e mais alguns. Isso gerava em muitos, o gás necessário para acreditar e foi nesse período que eu ouvi falar no PAS com mais detalhe e propriedade e então me engajei para entrar na Universidade de Brasília.

Que eu sabia que queria ser professora, eu sabia, mas a minha dúvida era qual licenciatura eu faria, e para falar a verdade, entendia muito pouco das minhas possibilidades. A princípio pensei em Letras/Português, mas depois de um tempo analisando e constatando que eu não sou tão boa leitora e conseqüentemente não sou chegada em Literatura, deixei meu amor pelo Português (Gramática) de lado. Talvez não seja uma história tão romântica quanto eu gostaria, mas foi assim que eu escolhi a Pedagogia como segunda opção.

Só que eu não tinha percebido que a Pedagogia estava presente na minha vida mais do que eu imaginava. Eu congrego até hoje, na Igreja Evangélica Assembleia de Deus da Missão Shekinah, e quando cheguei lá com oito anos de idade, já fui participar do Departamento Infantil. Até os 14 anos, eu me considerava parte do conjunto, mas depois daí comecei ajudar na organização dos eventos e afins como “tia”. Com 12 anos eu dava aula sobre histórias bíblicas na minha igreja, para crianças na faixa de 3 a 5 anos e para mim foi muito educativo, eu considero que fui uma professora da Escola Bíblica Dominical muito dedicada à aprendizagem e felicidade dos meus alunos.

Eu sou muito grata a Deus, pois o contexto eclesiástico foi muito formador para mim em várias dimensões, como: na dança, no ensinar e aprender, cantar, trabalhar em equipe e seus diversos desafios e benefícios, entre outras habilidades que esse espaço desenvolve.

Sem contar que tenho na minha família paterna três tias e duas primas pedagogas e um tio professor de matemática, então com certeza também foram inspirações para mim.

Falando sobre minha trajetória na Universidade de Brasília, posso afirmar que não foi um caminho tão fácil, principalmente na reta final. Comecei o primeiro semestre no segundo semestre de 2019, foi muito bom, grade horária pronta, acolhimento, um mundo novo e colegas e professores que vou levar para a vida toda.

No entanto, no semestre seguinte, em 2020, aconteceu a pandemia da Covid-19, o que acarretou nas atividades suspensas e sonhos abortados, devido ao afastamento social causado pela doença da Covid-19. Assim como esta monografia vai falar sobre estudantes e professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental no contexto da pandemia e suas dificuldades e impactos na educação; eu como estudante do Ensino Superior, também tenho minhas considerações de como foi para nós esse período sombrio e complexo.

Fomos atingidos frontalmente pelo afastamento social causado pela pandemia e consequentemente a necessidade do ensino remoto, e é claro que essa foi a solução cabível para que nosso ensino-aprendizagem não sofresse maiores repercussões quanto poderia se esperar, porém considero que a aprendizagem não teve a mesma qualidade do ensino presencial. Muitas disciplinas, por exemplo, necessitam da prática ou a vivência em sala de aula ou em escolas de Educação Básica, porém nesse período tudo isso foi temporariamente interrompido. É bem verdade que adultos como nós tiveram mais facilidade para acessar a Educação Superior pelo ensino remoto, mas esse momento trouxe dificuldades educacionais para todos.

Para mim esse período serviu para várias reflexões, como dar valor à vida e amar enquanto é tempo. Perdemos alguns entes queridos, mas temos muitos motivos para agradecer a Deus, depois de todo esse tempo sombrio que se passou.

Enfim, depois de dois anos estudando remotamente e sentindo falta do contato humano de sala de aula, voltamos para a presencialidade, e de fato estava com saudades! Foi muito bom voltar para as práticas em sala, me sinto mais conectada com a realidade e facilita a aprendizagem.

O tema sobre a educação na pandemia, surgiu justamente no olho do furacão, por volta do terceiro semestre, cursado em 2021/2, quando fiz uma disciplina obrigatória de Pesquisa em Educação 1. A proposta da disciplina era realizar um pré-projeto de pesquisa,

onde podíamos escolher tema e explorá-lo como o início de uma monografia. A pandemia intrigava a todos e comigo não era diferente, foi então que surgiu a curiosidade de entender como a educação escolar das crianças se realizou na pandemia e os desafios trazidos por ela.

A minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Caroline Bahniuk, foi minha professora na disciplina de Educação e Trabalho, então por lembrar que era uma docente muito competente, empática e comprometida com a educação, fui procurar saber se ela poderia ser minha orientadora. Apresentei o tema pelo qual mantive meu interesse, ainda mais porque quase dois anos depois, já teriam novos trabalhos publicados sobre o tema e ela aceitou me orientar.

Nesse momento, estou no décimo semestre no curso de Pedagogia, considerando que este é de verão, e por ter sido aprovada no Concurso Temporário da Secretaria de Educação, corri com todas as minhas pendências acadêmicas para me formar em março, juntamente com muitos outros colegas que começaram comigo.

Agradeço aos meus professores da graduação, por serem tão dedicados na sua profissão e sempre fazerem o melhor para a formação dos estudantes como futuros docentes. Considero-me feliz, pois cursei uma das melhores universidades da América Latina, e isso para mim, carrega grande orgulho.

INTRODUÇÃO

A aprendizagem no ensino remoto no contexto da pandemia da Covid-19 foi um grande desafio para pais, alunos, professores, gestores e sociedade em geral. Pegou de surpresa todo tipo de gente, classe social, países desenvolvidos e subdesenvolvidos, impactando-os de maneiras distintas, mas sem exceção. Diante daquele cenário, todos tiveram que tomar medidas de prevenção contra o vírus, e uma das mais eficazes e possíveis num primeiro momento foi o distanciamento social – também conhecido como “quarentena” que acompanhada de outras formas de prevenir a disseminação da doença, trouxe consigo a necessidade do fechamento das escolas, e mais tarde o estabelecimento do ensino remoto. Levando em conta que a maioria dos comércios e instituições tiveram que fechar as portas por tempo indeterminado, as escolas por serem um local de muita interação social, foram um dos primeiros espaços a serem fechados.

Nesta pesquisa, iremos refletir sobre os anos iniciais do Ensino Fundamental no contexto da pandemia. Que por se tratar da fase alfabetizadora da criança, traz consigo os grandes desafios de gerar efetiva aprendizagem via ensino remoto.

Nesta nova realidade, a atividade mediadora na relação professor e aluno fica prejudicada, pois a comunicação virtual é limitada, no que tange a compreensão deste aluno, troca de saberes e auxílios do professor.[...]. Embora ser uma ferramenta alternativa necessária para o atual contexto, a comunicação virtual carece na mediação, pois distancia o encontro entre o aluno e o professor, podendo afetar a efetividade na execução da tarefa pedagógica. (JUNIOR; ALMEIDA, 2020, p.122).

Com as barreiras trazidas pelo ensino remoto¹, tivemos de lidar com mais um conjunto de problemáticas, no ensino público brasileiro, que já apresentava antes da pandemia diversos limites. Nessa direção, nos questionamos: como as escolas no Brasil vivenciaram o distanciamento social e mediaram o ensino-aprendizagem através das telas e tarefas impressas? “Além de todas as dificuldades já existentes, os alunos terão de enfrentar um sistema de educação que não tem estrutura suficiente para ampará-los frente a essa nova realidade” (AVELINO; MENDES, 2020, p.130). Como os alunos lidaram com a mudança radical que foi a implementação emergencial do ensino remoto?

Muitos pais insatisfeitos com a situação, perguntaram quando as escolas voltariam às aulas presenciais, pois os mesmos estavam exercendo um papel que não cabiam a eles, o de

¹ O ensino remoto faz referência a modalidade de ensino emergencial, temporariamente estabelecida na educação devido o afastamento social causado pela pandemia da Covid-19. Diferindo do Ensino à Distância-EaD que se trata de uma modalidade da educação intencionalmente organizada e ofertada para jovens e adultos que possuem autonomia para o manejo das atividades exigidas.

ensinar aquilo que é dever da escola.

Nas escolas de ensino básico e fundamental, a paralisação das aulas presenciais trouxeram novos desafios à medida que as estratégias de antecipação de férias, paralisação ou continuidade das atividades por meio do EAD trouxeram impactos abruptos para professores e as famílias, à medida que a educação domiciliar trouxe mudanças para o aprendizado das crianças e dos jovens, eventualmente sobrecarregando os próprios pais no contexto de acompanhamento. (BURGESS *apud* SENHORAS 2020, p. 25).

Esse contexto de necessitar do auxílio dos pais se agrava mais, quando se trata de pais que não são alfabetizados ou não concluíram seus estudos, sem contar as dificuldades de parte deles em relação ao funcionamento das tecnologias que foram utilizadas. Como também, a própria condição de emergência sanitária, onde muitos pais e/ou responsáveis eram obrigados a saírem de casa para trabalhar e conviver de perto com o vírus, a perda de entes queridos, dos empregos e a impossibilidade de garantir a sobrevivência da família, condição essa que repercute na relação com os filhos e a escola.

Famílias com grau de escolaridade baixa, crianças cujos responsáveis não possuem a Educação Básica, ficam em desvantagem em relação àqueles, cujo os pais concluíram o Ensino Superior e entendem que o maior investimento é o apoio cultural e educacional dos filhos. (AVELINO; MENDES, 2020, p.131)

Como podemos observar existem muitas realidades distintas no nosso país. Não dá pra falar na pandemia em sua generalidade, ela teve diversas especificidades locais e um corte de classe, gênero e raça. Questões essas que aprofundaram as desigualdades no ensino-aprendizagem das crianças e estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, como por exemplo: acesso de qualidade a internet e aos aparelhos tecnológicos, escolas que não dão amparo para famílias sem condições financeiras para acessar esses recursos, o auxílio efetivo dos professores, a condição de vida das famílias e várias outras situações que serão discutidas nesta monografia.

Considerando o exposto, a problemática central desta pesquisa, buscou investigar: Quais foram os principais impactos do ensino remoto nos anos iniciais do Ensino Fundamental no contexto da pandemia da Covid-19? O que revela a produção científica acerca dessa temática no Brasil, e quais são os principais limites e adversidades destacadas por essas pesquisas para a educação das crianças do Ensino Fundamental?

De acordo com uma reportagem da CNN Brasil (2023), “Só um estado brasileiro pode ser considerado alfabetizado ao fim do segundo ano do fundamental, diz MEC”. A pesquisa Alfabetiza Brasil, realizada com base no Saeb (2021), demonstrou que as médias do

referido ano foram inferiores às do ano anterior em todos os estados, incluindo o Distrito Federal; e especialista diz ser uma situação de “calamidade pública”. A reportagem diz ainda que a pandemia tem grande influência nesse declínio de notas, pois foi um período muito complexo para a sociedade em geral, como também para a educação. Apesar da limitação dessas avaliações de larga escala, no que tange, avaliar a totalidade da educação, elas indicam alterações e retrocessos no ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental no Brasil pós pandemia ². No contexto atual, todos seguem lidando não só com sequelas físicas da pandemia, mas também cognitivas. Se o Brasil já tinha questões pendentes em relação à qualidade da educação, a pandemia tornou isso mais latente.

Diante de tantas incertezas, vem à tona a necessidade de pensar nas estratégias que serão utilizadas para atenuar os impactos da crise provocada pela pandemia. Assim, surgem vários questionamentos, não só dos que estão na linha de frente executando as atividades – gestores escolares, professores e toda a equipe multiprofissional envolvida no processo educacional como, por exemplo, pedagogos, assistentes sociais, psicólogos, etc. –, mas também daqueles que tem o “poder da caneta”, no sentido de definir as diretrizes a serem seguidas (OLIVEIRA; SOUZA, 2020, p. 16).

Apesar de um retrato desmotivador da realidade educacional, temos por certo que a Educação tem papel fundamental no desenvolvimento dos sujeitos e da sociedade como um todo. Sabendo disso, temos de comum acordo que um dos setores afetados pela pandemia da Covid-19, foi a educação. O mundo pode evoluir o que for e onde for, mas os indivíduos sempre precisarão da interação com o outro. E é no processo de alfabetização que a criança aprofunda seu aprendizado e se desenvolve de forma ampliada, a escrita, aumentando seu repertório da oralidade e vai adquirindo mais autonomia.

Tais direitos foram e continuam em parte sendo cerceados, e o período da pandemia agravou essa situação. Essa condição demonstra a necessidade dessa discussão, e a importância da pesquisa para compreender o período vivenciado e para ajudar a refletir sobre as questões a serem enfrentadas, ou seja, a origem e a complexidade do problema da escolarização das crianças, avolumado no período de Ensino Remoto.

Assim a pesquisa teve como objetivo geral : Compreender como ocorreu o processo de ensino remoto nos anos iniciais do Ensino Fundamental no contexto da pandemia e os principais impactos para a educação das crianças. Decorrem desses os seguintes objetivos específicos: Identificar as diferentes análises sobre os anos iniciais no contexto da pandemia; reconhecer os impactos do ensino remoto na aprendizagem das crianças e identificar as

² Com base nesses resultados, o Governo Federal lançou no dia 12/06/2023 o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, que visa garantir que as crianças terminem o 2º ano do Ensino Fundamental I, alfabetizadas.

dificuldades enfrentadas por estudantes, pais e professores no processo de ensino-aprendizagem na pandemia.

No que diz respeito à metodologia, essa monografia fará uso da abordagem qualitativa, promovendo a análise a partir da subjetividade tanto do sujeito pesquisado quanto a do pesquisador, que podem se preocupar com os fenômenos do tema a ser abordado e seus processos sociais. De acordo com Silveira e Córdova (2009, p.32), “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”.

Esta é uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, e o tipo de pesquisa será a exploratória, onde o tema aqui abordado é recém difundido na sociedade, apesar de já se ter muitos estudos sobre a pandemia e seus impactos em diversas áreas da sociedade, por enquanto se trata de uma questão a ser discutida, sem fazer veredictos determinantes para o futuro da educação, pois o desenrolar desses impactos ainda estão sendo avaliados.

Esse tipo de pesquisa é realizada especialmente quando há poucas informações disponíveis sobre o tema ao qual se relaciona o objeto de estudo. Justamente devido ao escasso conhecimento do assunto, o planejamento é flexível, de forma que os vários aspectos relativos ao fato possam ser considerados. (DEXSEY & DE RIZ, *apud* GERHARDT *et al.*, 2009, p.67)

Para realização dessa pesquisa foram utilizadas as bases de dados do Portal de periódicos CAPES. Os critérios de seleção envolveram os descritores: Ensino Fundamental and Pandemia, datados do período de abril de 2020 a dezembro de 2023. Foram considerados para os critérios de inclusão: artigos completos e disponíveis gratuitamente para visualização e download; publicados em periódicos, revisado por pares e em língua portuguesa. Também foram acrescentados três artigos do google acadêmico. Para a seleção dos artigos, excluímos os que tratavam de alguma disciplina e/ou modalidade de ensino particular no Ensino Fundamental. Após leitura e reflexão dos resumos dos artigos, foram selecionados sete para a análise mais pormenorizada nessa monografia.

A monografia encontra-se organizada em dois capítulos. No primeiro discutimos a situação do Ensino Fundamental anos iniciais no Brasil e os impactos da pandemia e do ensino remoto nos diferentes sujeitos da educação: estudantes, professores e pais. No segundo capítulo, refletimos sobre cada texto elencado pela pesquisa bibliográfica feita para esta monografia, com o objetivo de responder às perguntas alvos da pesquisa. Inicialmente apresentamos um pequeno resumo de cada um deles, e em seguida sintetizamos algumas questões fortes e centrais identificadas nos artigos.

1 - OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19.

Como dissemos anteriormente, o tema pesquisado trata do contexto do qual saímos a pouco tempo e tem o objetivo de identificar como se desenvolveu o ensino remoto nos anos iniciais do Ensino Fundamental na pandemia e seus impactos. É importante ressaltar que as observações exploradas neste capítulo, vão principalmente, referir-se aos impactos a curto prazo e indicar algumas possibilidades de impactos a longo prazo, uma vez que o prejuízo que a educação sofreu, particularmente as crianças, ao qual limita-se esse estudo, transpassa ela mesma, levando longos anos para a ampla compreensão.

De toda forma, o fechamento global de escolas em resposta à pandemia representa um risco sem precedentes para a educação, proteção e bem-estar dos estudantes, já que escolas não são apenas locais de aprendizado: elas fornecem proteção social, nutrição, saúde e apoio emocional. (SOARES, SHOEN, 2020, p. 86).

A pandemia da COVID-19 vem trazendo para discussão as mazelas da educação e da sociedade (SOARES, SHOEN, 2020, p.100). Esse momento apesar de conturbado trouxe aprendizagem, limites e reflexões.

A difusão da pandemia da COVID-19 gera impactos na educação de modo complexo à medida que há o transbordamento de efeitos de modo transescalar no mundo, embora com assimetrias identificadas, tanto, pelas distintas experiências internacionais em cada país, quanto, pelas diferenciadas respostas intranacionais geradas entre o setor público e privado, bem como entre os diferentes níveis de educação (fundamental, básica e superior). (SENHORAS, 2020, p.28).

Porém, destacamos que frente a mortalidade do vírus, não parecia existir, num primeiro momento, outras formas de evitar o contágio, além do isolamento social, logo houve a necessidade do fechamento das escolas. De acordo com dados do Ministério da Saúde (2024), no Brasil aproximadamente 709.601 pessoas morreram de Covid até então. Esse momento apesar de muito conturbado e triste, com a morte de muitas pessoas, trouxe reflexões, limites e reorganização para diversos setores sociais, no entanto, colocaremos em destaque a educação.

Neste capítulo contextualizamos, brevemente, os anos iniciais do Ensino Fundamental no Brasil, trazendo dados estatísticos para situar o leitor a respeito dessa etapa de ensino, escolhida para ser objeto de estudo deste trabalho. Mencionamos a alfabetização como processo de grande importância para a discussão. Por fim, os impactos da pandemia na escola e seus principais sujeitos: estudantes, pais e professores, citando alguns autores e

fazendo uma breve introdução à pergunta da pesquisa. É de suma importância discutir a participação desses três sujeitos, pois foram eles que tornaram possível o processo de ensino-aprendizagem, percebendo assim seus desafios e dificuldades a serem superadas.

1.1 Os anos iniciais do Ensino Fundamental no Brasil

O Ensino Fundamental no Brasil integra a segunda etapa da Educação Básica: composta pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Sua estrutura e funcionamento são regulamentados pelos órgãos superiores, dentre eles o Ministério da Educação (MEC) e as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação. Atualmente o Ensino Fundamental tem duas fases com suas especificidades: a primeira são os anos iniciais, com cinco anos de duração para estudantes de 6 à 10 anos de idade, e os anos finais com quatro anos para estudantes dos 11 à 14 anos, via de regra.

Até pouco tempo, os anos iniciais eram compostos por quatro anos. Essa mudança foi regulamentada pela lei nº 11.274, sancionada pelo então Presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, no dia 06/02/2006. Ela regulamenta o Ensino Fundamental de 9 anos, acrescentando um ano na primeira fase dessa etapa. Segundo o MEC (2006), o Ensino Fundamental de nove anos tem por objetivo assegurar a todas as crianças um tempo maior de convívio escolar, maiores oportunidades de aprender e, com isso, uma aprendizagem com mais qualidade. Essa alteração visou dar à criança um período mais longo para as aprendizagens próprias desta fase, inclusive a alfabetização.

De acordo com Arelaro (2005) a Constituição Federal de 1988 estabelece que a educação é direito de todos e dever da família e do Estado, e declara como princípios do ensino não só a igualdade de condições de acesso e permanência, mas a correspondente obrigação de oferta de uma escola com um padrão de qualidade, que possibilite a todos os brasileiros e brasileiras, cursar uma escola com boas condições de funcionamento e competência educacional, em termos de pessoal, material, recursos financeiros e projeto pedagógico. Esse direito assinalado na lei indica que a educação deveria se consolidar na vida dos cidadãos brasileiros independente de sua classe social, raça, gênero, local de residência, etc, incluindo a maior oferta e permanência das classes menos favorecidas. No entanto, entre a lei e a realização do direito tem um longo processo e vemos muitas desigualdades sociais e educacionais na atualidade.

O Ministério da Educação (MEC) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) divulgaram no dia 8 de fevereiro de 2023, os resultados finais do Censo Escolar de 2022. A pesquisa estatística revela aumento no número de

matrículas na maioria das etapas de ensino, com retomada dos números anteriores à pandemia da Covid-19. Ao todo, foram registrados 47,4 milhões de estudantes na Educação Básica, em suas 178,3 mil escolas. De 2021 para 2022, são 714 mil alunos a mais. As escolas privadas tiveram uma expansão de 10,6% nas matrículas, no período, o que as aproxima do nível observado em 2019 – a queda mais significativa durante a crise sanitária foi nessa rede de ensino.

Das 178,3 mil escolas de Educação Básica, 122,5 mil (68,7%) ofertam alguma etapa do Ensino Fundamental. Dessas, 105,4 mil atendem alunos nos anos iniciais (1º ao 5º ano) e 61,8 mil, nos finais (6º ao 9º ano). A rede municipal é a principal responsável pela oferta dos anos iniciais do Ensino Fundamental: são 10,1 milhões de estudantes (69,3%), o que corresponde a 85,5% da rede pública. (CENSO, 2022). No Ensino Fundamental – do primeiro ao nono ano regular e a educação de jovens e adultos - estão matriculados 31 milhões de alunos, sendo 16,7 milhões nos anos iniciais e 14,3 milhões nos anos finais.(CENSO, 2022)

“Em 1988, pela primeira vez, uma Constituição brasileira assumiu claros compromissos com a erradicação do analfabetismo e com a universalização da Educação Básica. Concebida como no Art. 205 [...] direito de todos e dever do Estado e da família” (TREVISOL; MIZZIONI 2018, p.2). Na década de 1990 ocorre a universalização do Ensino Fundamental no Brasil, porém essa universalização se deu num contexto de implementação das políticas educacionais na lógica do neoliberalismo, ampliando o acesso à educação e reduzindo os investimentos do Estado na mesma.

Arelaro (2005) ao fazer um balanço do Ensino Fundamental no início dos anos 2000, destacando que apesar da universalização, essa etapa possui ainda grandes gargalos como a repetência e a distorção entre idade e série, algo que diminui em dias atuais, no entanto os dados mais favoráveis não garantem a efetiva apropriação dos conteúdos e da cultura universal por grande parte dos estudantes da Educação Básica. A autora tece alguns limites/desafios e críticas, colocando em destaque a implementação do ensino de 9 anos, a incorporação da progressão continuada – como recurso contra a reprovação, porém centrado numa estratégia somente econômica e não pedagógica, a ênfase no papel do estado como avaliador – com as avaliações centralizadas, o processo acelerado de municipalização do Ensino Fundamental e o financiamento e a desvalorização do professor. A autora aponta ainda como tendência a incorporação da gestão empresarial da educação e a privatização dos sistemas de ensino, algo que infelizmente se concretizou na realidade atual. Todas essas ações fizeram e seguem fazendo parte do receituário neoliberal para a educação.

Medeiros e Lira (2016) fazem uma crítica em relação às altas taxas de matriculados

no Ensino Fundamental. O que nos faz refletir, que universalizar as matrículas, não é fazer o mesmo com o ensino, já que um acaba não correspondendo ao outro e não há garantia total e igualitária de permanência. Principalmente pelos fatores: reprovação e abandono, que de acordo com o Censo (2022), foram respectivamente de 4,2% e 0,5%.

A falta de compromisso em relação à aprendizagem fica evidente diante dos resultados dos indicadores de desempenho escolar como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), pois problemas como a repetência, a evasão, a exclusão e a defasagem idade/série continuam. (MEDEIROS; LIRA, 2016, p.167)

Segundo as Diretrizes da Educação Básica (2010) os anos iniciais do Ensino Fundamental respeitando as especificidades das diferentes infâncias e as singularidades dos estudantes tem por objetivo:

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II – foco central na alfabetização, ao longo dos três primeiros anos, conforme estabelece o Parecer CNE/CEB nº4/2008, de 20 de fevereiro de 2008, da lavra do conselheiro Murílio de Avellar Hingel, que apresenta orientação sobre os três anos iniciais do Ensino Fundamental de nove anos; III – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da economia, da tecnologia, das artes e da cultura dos direitos humanos e dos valores em que se fundamenta a sociedade; IV – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; V – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de respeito recíproco em que se assenta a vida social. (BRASIL, 2013, p.2)

É importante ressaltar que a alfabetização é parte essencial nos anos iniciais do Ensino Fundamental e não poderia deixar de citá-la. Nessa direção, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Fundamental, aprovada em 2017, define que a alfabetização das crianças deverá ocorrer até o segundo ano do Ensino Fundamental, com o objetivo de garantir o direito fundamental de aprender a ler e escrever. A meta 5 do Plano Nacional de Educação (PNE) correspondente ao período de 2014-2024 e estabelece como objetivo, a alfabetização de todas as crianças, no máximo, até o final do 3º ano do Ensino Fundamental. Questão essa que vem sendo questionada por especialistas, demonstrando que uma alfabetização ampla englobaria toda a primeira etapa dos anos iniciais.

Nesse contexto, o Censo Escolar (2022) mostra que, entre 2019 e 2020, houve uma elevação acentuada na taxa de aprovados, influenciada por ajustes no planejamento curricular das escolas, em função da pandemia da Covid-19. Isso ocorreu em toda a Educação Básica, o que inclui, evidentemente, os alunos do 3º ano do fundamental em

específico. Já em 2021, observou-se uma queda nas aprovações, mas os percentuais se mantiveram superiores aos anteriores à pandemia. No caso do 3º ano, a taxa de aprovados foi de 96,8%, em 2021. (CENSO, 2022).

Esse período dos anos iniciais ganha muita atenção por se tratar do processo de aprendizagem que capacita a criança à leitura e escrita, inserindo ela no mundo da comunicação escrita. Ou seja, vivemos num mundo letrado, onde conseqüentemente é interesse de todos, ou pelo menos deveria ser, que todos sejam alfabetizados, pois a partir dessa tomada de conhecimento, a pessoa alfabetizada também se coloca na sociedade como difusor de pensamentos e participante ativo.

A aprendizagem da escrita está diretamente ligada à tomada de conhecimento de novas realidades, associadas a novas áreas de conhecimento e a novos modos de organizar institucionalmente a sociedade. Ensinar-aprender a ler e a escrever se inscreve no movimento de participação na cultura letrada. Muito mais do que compreender como funciona a modalidade escrita da linguagem verbal, saber ler e escrever socialmente é ter acesso ao mundo da escrita na escola e na vida. (GOULART, 2015, p.13).

Do mesmo modo, a alfabetização não é só adquirir conhecimentos na área da escrita e da leitura, como também estar no mundo como um sujeito crítico e protagonista do desenvolvimento social e cultural provocado pelo novo repertório.

No que diz respeito à chamada taxa de insucesso, que considera reprovação e abandono, houve uma mudança considerável entre 2019 e 2020, com a redução consistente em todos os anos da rede pública e a elevação nos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede privada. Em 2021, verificou-se um movimento em direção ao padrão observado antes da pandemia, mas ainda com taxas de insucesso inferiores. Os alunos do 3º ano da rede pública especificamente tiveram uma taxa de insucesso de 10,1%, em 2019; 1,3%, em 2020; e 3,7%, em 2021.

Ao analisarmos a meta 2 do Plano Nacional de Educação (PNE) que objetivava universalizar o Ensino Fundamental de 9 anos para toda a população de 6 a 14 anos e garantir que pelo menos 95% dos alunos concluam essa etapa na idade recomendada, até o último ano do PNE vigente, concluiu-se que a meta não foi atingida. Isso porque sofreu um forte revés nos anos mais recentes, estando em 2022 com 96,3% e em 2014 com 97,2%. A partir dos números obtidos durante e no pós pandemia, podemos afirmar que essa foi uma das causas do declínio desses números. A pandemia da Covid-19, provocou o afastamento social e principalmente ampliou as desigualdades sociais, diminuindo o acesso dos mais pobres e demonstrando ainda mais o dualismo perverso da educação brasileira.

De acordo com o Balanço do Plano Nacional de Educação, realizado na Semana de Ação Mundial (2023), na coordenação a Campanha Nacional pelo Direito à Educação, o número de crianças nessa faixa etária que não frequentam nem concluíram o Ensino Fundamental caiu levemente, para 980 mil, entre 2021 e 2022, mas poucos anos antes, em 2019, esse número chegou a ser de 531 mil. Dessas 980 mil crianças sem acesso ao Ensino Fundamental, 164 mil sequer frequentavam a escola, e outras 816 mil estavam escolarizadas, mas fora da idade regular. O documento salienta o fator da exclusão escolar, que não deve ser esquecido pelo fato da pandemia ter chamado mais atenção nos últimos anos, visto que ainda é uma questão não superada na educação pública no Brasil. E mesmo que não houvesse pandemia, a estimativa era o não alcance dessa meta.

Em um país que tem as mesmas leis, previstas pela Constituição Federal, para todos os seus cidadãos, é uma condição difícil de aceitar, que uns tenham mais que outros, porém as diversas realidades encontradas no país ainda mostram intensa desigualdade social. Nesse sentido, a atitude a ser tomada por parte do governo federal é a equidade, pois recebendo de acordo com a necessidade, os estados seriam beneficiados de forma justa, favorecendo o ensino-aprendizagem de todos e garantindo o que rege a CF/88 em relação ao direito à educação pública e de qualidade. Arelaro (2005) afirma que a repercussão desse desequilíbrio econômico-financeiro entre os entes públicos se faz sentir na área educacional, principalmente quando discutem as possibilidades efetivas de se construir uma escola pública de qualidade referenciada socialmente, em termos de qualidade de atendimento.

De acordo com Libâneo (2012), tem sido constante nos meios acadêmico e institucional da educação, a constatação de um quadro sombrio da qualidade da escola pública. No âmbito das análises externas, dados estatísticos e pesquisas apontam sua deterioração e ineficácia em relação a seus objetivos e formas de funcionamento. Temos o que seria a educação pública no Brasil, nos documentos norteadores da educação, e o que de fato acontece nas instituições de ensino, desde a situação desfavorável dos salários e das condições de trabalho e formação dos professores à desigualdade social vivida pelos estudantes de escolas públicas, entre outros problemas estruturais da sociedade que refletem na educação.

Daniel Cara (2022), professor da Faculdade de Educação da USP e dirigente da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, em uma análise detalhada sobre o Saeb 2021 e o Ideb 2021, destaca o aumento do percentual de crianças nos três primeiros níveis da escala de proficiência (com maior domínio). No 5º ano do Ensino Fundamental a queda foi pequena, tanto em Língua Portuguesa (de 215 em 2019 para 208 em 2021) quanto em

Matemática (de 228 em 2019 para 217 em 2021). E como ocorreu no 2º ano, ocorreu também no 5ºano: um aumento discreto de crianças nos três primeiros níveis de proficiência. O autor ainda pondera que por serem crianças alfabetizadas na pandemia, foi uma queda esperada mas não tão grave quanto se estimava. Isso se deveu principalmente aos esforços dos professores em não deixar a educação de lado e persistirem mesmo com as condições desfavoráveis. Ou seja, mesmo que os resultados não tenham sido tão bons, foi melhor do que o que estavam esperando diante do cenário caótico que a pandemia trouxe.

1.2 Os impactos da pandemia na escola e seus sujeitos: estudantes, professores e pais

Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou como uma emergência de saúde pública de importância internacional e em 11 de março de 2020, a covid-19 foi caracterizada como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2020 *apud* TELASKA; MACHADO, 2022, p.23)

Nesse contexto, o Ministério da Educação decreta em 17 de Março de 2020, através da Portaria nº 343, a suspensão de aulas presenciais e sua consequente substituição por atividades não presenciais ancoradas em meios digitais enquanto durar a situação da pandemia do novo Coronavírus (COVID-19). (VIEIRA; SILVA, 2020)

O levantamento mostra que 99,3% das escolas brasileiras suspenderam as atividades presenciais. Em função disso, parte delas também ajustou a data do término do ano letivo de 2020, visando ao enfrentamento das questões pedagógicas decorrentes dessa suspensão. As escolas públicas sentiram uma necessidade maior de fazer a adequação. Pouco mais de 53% delas mantiveram o calendário. Por outro lado, cerca de 70% das escolas privadas seguiram o cronograma previsto.(CENSO, 2022)

De acordo com o mesmo Censo (2022), a disponibilização de materiais impressos para retirada na escola despontou entre as mais utilizadas. Em seguida, está a oferta de materiais de ensino-aprendizagem na internet, seguida de avaliações e testes realizados remotamente pela internet ou com material físico. Atendimento virtual ou presencial escalonado e suporte aos alunos, seus pais ou responsáveis foram outras medidas adotadas.

Como apontamos, a educação sofreu muitos impactos em relação a todos os seus setores já que o ensino-aprendizagem se deu de forma atípica no contexto da pandemia. Começamos primeiramente pelos estudantes, os quais tiveram seus direitos restringidos, e enfrentaram várias limitações e dificuldades no referido período, levando em consideração as diversas realidades sociais e econômicas que tem o Brasil.

Neste contexto escolar acompanhado da nova realidade pandêmica, a precariedade também se faz presente, visto que, para os estudantes de realidades socioeconômicas vulneráveis que não possuem acesso aos equipamentos e a arquitetura básica de trabalho, acaba sendo difícil ou impossível participar das atividades pedagógicas coletivas de forma on-line. (JUNIOR; ALMEIDA, 2020. p.117).

Considerando o fato do ser humano necessitar de interação social, e ser nessa atividade que aprende a viver em sociedade, percebeu-se certa dificuldade no ensino-aprendizagem mediado pela tecnologia, onde a criança esteve privada de ter o contato presencial nessa formação para o desenvolvimento do seu ser social.

Se o sujeito que vivencia o processo de escolarização se desenvolve na relação indivíduo sociedade, de forma que o meio social delinea o sujeito para criar nele as funções superiores de natureza social, considerando a materialidade e historicidade, quando a condição material de trabalho e a interação humana acaba sendo prejudicada, as oportunidades de desenvolvimento se encontram fragilizadas. (JUNIOR; ALMEIDA, 2020, p. 117).

Uma das características marcantes do ensino remoto são as atividades escolares, muitas vezes se tornaram mais uma forma de passar o tempo, “dar conteúdo” e cumprir o calendário, do que para verdadeiramente se realizar o processo de ensino-aprendizagem. Isso ocorre justamente pela falta de interação social que acarreta sobre estudantes e professores, tarefas para cumprir o mandado pelo currículo. “Os estudantes relatam de uma sobrecarga de tarefas e atividades pedagógicas que aumentam o número de exigências para que se cumpram o requisito da presença e avaliação escolar” (JUNIOR; ALMEIDA, 2020, p.122). A pergunta no final das contas é se essa criança aprendeu a partir das atividades que lhe foram passadas? Tudo isso não exclui os esforços de muitos professores para que esses alunos não se perdessem em seus estudos, mas o fato aqui é que o adversário é circunstancial e traz consigo as incertezas de resultados efetivos, pois não permite o acompanhamento no locus dos sujeitos.

Em se tratando dos professores, como já mencionado, foi percebido neles grande esforço para conseguir realizar as aulas e para que seus estudantes saíssem dessa situação com menor perda possível, trabalhavam com o que conseguiam e estava ao seu alcance. Muitos relatos mostram que os profissionais da educação tiveram que trabalhar em horários de contraturno e com maior carga horária do que mandavam seus contratos para dar conta do ensino sobre as novas condições.

A condição atípica imposta pela atual situação de saúde mundial e o consequente atendimento remoto, segundo relato de conversas informais

com professores, gera a sensação de que se deve estar disponível o tempo todo, sem ter um reconhecimento de um espaço estruturado para cumprir com as exigências colocadas. “De uma hora para outra” chegam procedimentos para fazer e tutoriais para assistir enviados pelos superiores aos professores, às vezes recebem cobranças até mesmo em dias não letivos e no período em que em dias cotidianos normais, seriam de folga e lazer, estão sendo atarefados. (JUNIOR; ALMEIDA, 2020, p.121).

Não se pode ignorar também o fato de que os professores, em sua maioria, não tiveram formação para, abruptamente, exercer a função de formar estudantes através do ensino remoto. Então muitos foram desafiados no que diz respeito às tecnologias, já que o uso das mesmas era limitado e opcional no exercício presencial e agora se tratava de um recurso essencial para mediar a educação, necessitando assim, conhecer mais sobre esse mundo. Como também, alguns discordam da real efetividade do ensino remoto. Essa questão traz uma crítica à formação docente: “os nossos docentes não são preparados durante sua formação para a utilização das novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, e em especial as redes sociais como ferramenta educacional.” (HONORATO, 2020, p.73).

A pouca formação nesta área, influenciou para maior adversidade desse ensino na formação das crianças. No final das contas, todos os três sujeitos da escola: estudantes, pais e professores, passaram por demandas difíceis, para que essa experiência fosse o menos difícil possível, e é preciso olhar para cada um e cada situação com subjetividade, buscando compreender suas limitações de cunho social e pessoal.

A carência de recursos também é um dos fatores que desfavorecem o ensino-aprendizagem de qualidade desses alunos que por determinado período tiveram que aprender via ensino remoto. Para melhores condições de efetiva aprendizagem foi necessária a intensa atenção dos pais às demandas dos filhos, materiais e recursos à sua disposição, lugar adequado para que as crianças pudessem se concentrar quando necessário e aparatos tecnológicos para acessar aulas remotas e muito mais. Mas essa realidade não abrange o país de forma igualitária, pois principalmente se tratando de escolas públicas, não há metade desses recursos disponibilizados para essa população estudantil de forma individualizada. “Os estudantes que vivem em contextos de privação socioeconômica, não possuem os instrumentos adequados como computador e internet para desenvolver o trabalho da atividade intelectual.” (JUNIOR; ALMEIDA, 2020, p.123). Ou ainda:

A falta de recursos tecnológicos destinados à educação acaba por inviabilizar ainda mais o acesso à educação durante a pandemia, se antes a dificuldade estava em chegar até as escolas, agora muitos alunos vão enfrentar o fato de não terem recursos suficientemente para acompanhar as aulas online e executar as atividades solicitadas.(AVELINO; MENDES,

2020, p.131).

Tudo isso se deve a questão mais real na sociedade brasileira: a desigualdade social. Fato que com a pandemia se agravou e ficou mais visível e latente. A pandemia desvelou, algo que algumas pessoas ainda não queriam enxergar. O desleixo da sociedade com a educação não é de agora, mas suas consequências têm chegado aos olhos de quem não via, como verdade “nua e crua”.

A desigualdade está presente em toda a sociedade organizada pelo homem e, devido às diversas consequências que ocasiona no meio social, surge a emergência em pensá-la e conhecer os caminhos trilhados para seu enfrentamento, principalmente em um espaço escolar que se caracteriza como distinto, cenário de pessoas socialmente vulneráveis como os migrantes, que vivem a miséria e outras mazelas cultivadas pelos modos de organização social. (JUNIOR; ALMEIDA, 2020, p.124).

Os pais e responsáveis também foram submetidos a situação precária em que se encontrou a educação, como numa correnteza foram levados a se adaptar às circunstâncias. Para os pais compreenderem que tudo que tiveram de passar não deveria acontecer com eles mas também não deveria com os professores, foi necessária compreensão de ambos os lados. Mas o que mais trouxe dificuldade aos estudantes que necessitavam do auxílio familiar, em se tratando de ajudar na realização das atividades, tirando a falta de tempo e energia dos pais que muitas das vezes chegavam cansados do trabalho, é principalmente o seu grau de escolaridade baixo ou até analfabetismo. Dessa maneira crianças com família nessas condições foram menos favorecidas do que as que possuem pais com nível superior, por exemplo.

Essa situação não foi permanente, mas serviu para entendermos coisas como, a importância da interação social para as pessoas, em particular as crianças como foco deste estudo, a importância da escola no desenvolvimento do ser social e o quanto deve ser valorizada como espaço de função social.

Por fim, os resultados dessa pandemia, mostrou o quanto a escola exerce um papel fundamental na vida do aluno, por inseri-los ao convívio social; por mostrar a importância do papel do professor como mediador, e que repense na relevância da formação inicial e continuada no que tange às novas tecnologias. Mais do que saber reconhecer os problemas, cabe aos políticos, corpo docente, alunos, responsáveis e população em geral, uma mudança de comportamento, ao ter consciência que, educar vem atrelado a uma ação. (AVELINO; MENDES, 2020, p. 136)

A partir desse olhar dos diferentes sujeitos, temos por certo que outros impactos e outras perguntas ainda serão respondidas, e no capítulo a seguir veremos os impactos da

pandemia a partir dos artigos científicos. Nesse tópico, fizemos o exercício de compreender a pandemia e alguns de seus impactos pelos diferentes sujeitos que compõem a escola: estudantes, professores e pais. A seguir, analisaremos os artigos selecionados para esta pesquisa.

2. OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO E DA PANDEMIA DA COVID-19: O que dizem as pesquisas?

Como dissemos anteriormente, essa pesquisa refere-se a uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Para tanto, foi realizada uma pesquisa no Portal de Periódicos Capes no período de abril de 2020 a dezembro de 2023. Foram considerados para os critérios de inclusão: artigos completos e disponíveis gratuitamente para visualização e download, publicados em periódicos, revisado por pares e em língua portuguesa. Excluimos artigos que tratavam de alguma disciplina e/ou modalidade de ensino que não fosse os anos iniciais do Ensino Fundamental. Após leitura e reflexão dos resumos dos artigos, foram selecionados quatro artigos e incluímos mais três encontrados no google acadêmico, perfazendo ao total sete produções para a análise desta monografia. Os artigos analisados encontram-se no quadro abaixo e posteriormente a ele trazemos uma breve síntese de cada um deles:

| | TÍTULO | PERIÓDICO | ANO | AUTORIA | FONTE |
|---|--|---|------------|--|----------------------------|
| 1 | A Educação no contexto da pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática de literatura | Revista Brasileira de Informática na Educação _ RBIE | 2020 | VIEIRA, Márcia de Freitas. SILVA, Carlos Manuel Seco | Portal de periódicos Capes |
| 2 | Impactos da pandemia da COVID-19 na Educação: com a palavra os professores | Revista Thema, v.21, n.2 | 2022 | GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro, MINODA, Dalva de Souza, FONSECA, Renat a Gadoni Porto | Portal de periódicos Capes |
| 3 | Repercussões da pandemia da Covid-19 em crianças do Ensino Fundamental. | SAÚDE DEBATE RIO DE JANEIRO, V. 46, N. Especial 5, P. 148-163 | 2022 | ROMANZINI, Andréia Vedana, BOTTON, Leticia Thomasi Jahnke, VIVIAN, Aline Groff . | Portal de periódicos Capes |
| 4 | Perspectivas e desafios do ensino brasileiro: uma revisão da educação remota na pandemia do Covid-19 | Conex. Ci. e Tecnol. Fortaleza/CE, v.16 | 2022 | PEREIRA, João Guilherme Nunes. SANTIAGO, Silvany Bastos | Google Acadêmico |
| 5 | A pandemia da covid-19 e suas | Revista Entreideias, Salvador, v. 11, n. 3 | 2022 | TELASKA, Tatiele dos | Google Acadêmico |

| | | | | | |
|---|---|--|------|--|----------------------------|
| | repercussões para a educação básica: revisão sistemática da literatura | | | Santos. MACHADO, Adrieli Larissa | o |
| 6 | Um olhar sobre os processos de letramento e alfabetização na pandemia do Covi-19 (2019 – 2023) | Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.12 | 2023 | FREITAS, Elaine Cristina Pinto. CASTRO, Lílian Silva. GONÇALVES, Sandro Salles | Google Acadêmico |
| 7 | Pandemia e a escola remota para crianças em fase de alfabetização no Brasil: cenários de contrastes | UFRGS, Intexto, n.55 | 2023 | TONIN, Juliana; MACHADO, Anderson dos Santos; DIAS, Patrícia Ruas | Portal de periódicos Capes |

Fonte: Produção da autora (2023)

O artigo, “*A Educação no contexto da pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática de literatura*” (2020), dos autores Márcia de Freitas Vieira e Carlos Manuel Seco da Silva, teve por objetivo refletir sobre o cenário educacional frente à pandemia causada pelo novo coronavírus, a partir de uma revisão sistemática de literatura dos artigos produzidos no Brasil e em Portugal sobre os efeitos e desafios da pandemia do COVID-19 na Educação. Para tanto, foi realizado um levantamento da produção nas seguintes bases de dados: no Portal de periódicos da CAPES, nos Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal – RCAAP, no SCIELO e no *Google Scholar*, no período de março a julho de 2020. Ao total foram selecionados 53 artigos para a análise.

Os autores começam contextualizando o cenário da pandemia da Covid-19 e a emergência do ensino remoto, o que trouxe a necessidade do fechamento das escolas.

Este cenário pandêmico exigiu das autoridades governamentais em todo o mundo a adoção de várias medidas, publicadas em instrumentos legais e normativos, no intuito de conter a propagação da doença. Políticas públicas emergenciais foram mundialmente criadas com objetivo de reduzir o impacto dessa pandemia. (VIEIRA; SILVA; 2020, p.1014).

A pandemia trouxe consigo inúmeras medidas emergenciais para contenção da disseminação da doença, de forma abrupta, e as pessoas tiveram que acatar as orientações para tentar evitar o contágio.

Diante deste quadro, e num esforço de (re)organização do sistema

educacional, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2020b) apresenta um conjunto de recomendações que é importante observar: 1) a necessária redefinição dos objetivos curriculares, definindo-se o que é realmente importante aprender/ensinar num período de distanciamento social; 2) a clarificação do papel do professor no suporte efetivo à aprendizagem dos alunos, combinando a instrução direta (à distância) e a orientação para uma aprendizagem auto-guiada; 3) a garantia do suporte e apoio necessários, aos estudantes e famílias mais vulneráveis, fomentando a sua participação ativa na implementação destes planos educativos alternativos; 4) a relevância de se implementar um sistema de comunicação, adaptado a cada estudante, no sentido de um acompanhamento, de perto, da sua aprendizagem. (VIEIRA; SILVA; 2020, p.1014).

A modalidade de ensino remoto, exigiu que estudantes e professores mediassem o ensino-aprendizagem através principalmente de recursos tecnológicos, e algumas escolas adotaram o uso de materiais impressos. Fazendo com que os estudantes estivessem na condição de aprender de um novo jeito, no qual apresentaram algumas dificuldades para desenvolver todas as suas potencialidades, e professores que tiveram que reorganizar seus planejamentos como nunca haviam feito antes, usando novas metodologias.

Os professores se viram pressionados a migrarem para o ensino online, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos espaços de aprendizagem presenciais, naquilo que tem sido designado por ensino remoto de emergência (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020 *apud* VIEIRA; SILVA; 2020, p.1014).

Os autores indicaram a presença das TIC's, em diversos âmbitos da sociedade, não sendo diferente na educação, que está em constante transformação e adaptação. Como não usá-la num período pandêmico, onde o único contato humano possível, deveria ser somente com a própria família de casa? Nesse sentido, os autores pontuam que as tecnologias foram ferramentas para emancipação do sujeito, diferindo que nessa circunstância, seria o meio mais aceitável, para que as contaminações por Covid-19 não aumentassem.

Vieira e Silva (2020) ressaltam as diferenças entre o ensino remoto emergencial e o Ensino a Distância, uma vez que o primeiro foi uma resposta à crise que se deu devido a pandemia da Covid-19, ou seja, é uma modalidade de ensino que tem data de validade e foi imposta abruptamente; já o EaD tem conscientemente intencionalidade, planejamento e proporciona metodologia compatível com o público alvo. Os autores pontuam que ensinar por meio de tecnologias digitais a estudantes afetados pelo fechamento repentino das escolas não é implementar Educação à Distância, ainda que se refira à mediação do ensino e da aprendizagem por meio das tecnologias digitais.

É sabido que a educação online na modalidade do ensino remoto emergencial,

depende de muitos fatores para obter êxito, que perpassam desde o perfil do aluno e a sua motivação para a aprendizagem, o acesso à conexão com a internet e aos recursos tecnológicos, a formação e competência digital dos professores para o exercício da docência. (VIEIRA; SILVA; 2020). Alguns desses aspectos não foram contemplados em contextos em que os estudantes possuem uma situação socioeconômica desfavorável.

A partir da análise dos artigos, os autores chegam às seguintes categorias de estudo: Impactos da pandemia da Covid-19 na educação; Utilização das tecnologias digitais; Metodologias e práticas pedagógicas/inclusão; análises prospectivas e oportunidade. A respeito dos impactos da pandemia da Covid-19 na Educação destacam que há necessidade dos sistemas de ensino e das escolas se adaptarem a esse novo contexto; as dificuldades de adaptação dos professores com as tecnologias e como o ensino remoto deixou mais evidente as desigualdades sociais e educacionais.

Sobre a utilização das tecnologias digitais, os autores destacaram as principais plataformas digitais utilizadas que foram: *Moodle, Sakai, Chamilo, Google Classroom, Microsoft Teams*. As plataformas digitais possuem vários recursos, desde a formação de turma virtual, atividades online e até vídeo chamadas para aulas expositivas, sendo uma importante ferramenta para o ensino remoto emergencial. Além disso, os artigos analisados pelos autores mostram algumas metodologias específicas para o Ensino à Distância. No sentido da formação referente a esses recursos digitais, os autores destacam que os estudos analisados mostram que grande parte dos professores nunca tinham usado tais recursos e uma pequena parte tinha participado de algum curso de formação continuada sobre o uso de computadores e internet nas atividades de ensino. Logo, as plataformas digitais foram ferramentas de uso fundamental dos professores, possibilitando as explicações de conteúdos, compartilhando vídeo aulas e a aplicação de avaliações formativas. “Estes recursos possibilitam a interação professor/aluno de forma síncrona ou assíncrona e podem tornar o processo de aprendizagem tão eficaz quanto o ensino presencial, mas a sua integração estratégica no processo formativo demanda formação e competência digital dos professores” (SANTOS; JUNIOR; MONTEIRO, 2020 *apud* VIEIRA; SILVA; 2020).

A respeito da categoria: Metodologias e práticas pedagógicas/inclusão, os autores pontuam que os professores de forma abrupta tiveram que lançar mão de uma nova forma de ensinar, sem possuir formação especializada ou mesmo continuada, sem tempo para reorganizar o currículo para uma educação online de qualidade. Porém, em sua maioria, identificaram que as tecnologias foram utilizadas de forma instrumental, fazendo referência a um ensino tecnicista. Entretanto, a tecnologia não deveria ser utilizada como um recurso de

perpetuar a pedagogia tradicional, já que seu uso permite desenvolver várias potencialidades nos estudantes e se trata de um recurso muito versátil para o professor. “Segundo estes autores, no atual contexto da educação remota, a reprodução de uma metodologia de ensino tradicional tem interferido negativamente no engajamento e motivação dos estudantes nas atividades à distância.”(VIEIRA; SILVA; 2020 p.1024). Os autores também pontuam a importância da profissionalização dos profissionais da educação em relação às tecnologias. Pois o ensino remoto emergencial mostrou que muitos professores não conseguiam alcançar o efetivo aprendizado das crianças, horas por falta de preparo, horas por falta de recursos, entre outros.

Para além do domínio tecnológico, torna-se imprescindível o desenvolvimento de habilidades autorais e competências digitais docentes para sintetizar, produzir, “remixar” e compartilhar conhecimentos no ciberespaço, de modo que os professores sejam capazes de criar um ambiente inovador, com uma dinâmica que se diferencie das práticas transmissivas historicamente consolidadas na educação (ALMEIDA; ALVES, 2020 *apud* VIEIRA; SILVA; 2020, p.1024).

Nesse sentido, os autores salientam a importância de analisar a formação dos professores desde o início, de forma a reestruturar os cursos de graduação, pensando em capacitar os docentes para as tecnologias.

Os autores destacam variadas sugestões de metodologias que podem ajudar o professor a continuar utilizando esses recursos nas suas práticas pedagógicas, como: ensino híbrido, onde o professor utilizaria tanto aulas assíncronas como síncronas, onde poderia explicar o conteúdo e permitir um trabalho prático. Destacando que o uso das tecnologias deve estar ligado com as metodologias pedagógicas, os tipos de conteúdos e as estratégias de motivação mais apropriadas. (VIEIRA; SILVA; 2020). E as metodologias pedagógicas não devem se distanciar das necessidades específicas dos estudantes, visto que esse é o centro do ensino-aprendizagem.

Sobre a última categoria de análise - análises prospectivas e oportunidade pós-pandemia, Vieira e Silva (2020) procuram respostas para a última questão da investigação: “Quais as tendências e os dilemas da Educação Básica e Secundária após a pandemia do COVID-19?” Se faz necessário destacar que o artigo foi escrito em 2020, primeiro ano de pandemia, e os autores detectam ser muito cedo para ter uma visão abrangente sobre o assunto. Mas colocam em destaque, alguns aspectos negativos já trazidos por outros autores que devem ser considerados para esse período, como a falta de consideração dos aspectos qualitativos no processo ensino aprendizagem, a desigualdade

social no sistema educacional brasileiro e a necessidade de se garantir equidade nas políticas de substituição da educação presencial pela educação mediada por tecnologias digitais. Destacam também a preocupação de todos os estudantes terem ou não acesso às tecnologias para mediação do processo de ensino-aprendizagem, considerando que, com a desigualdade presente nos países, seria bem possível que também abrangesse ao aspecto- acesso tecnológico; diante disso se faz necessária políticas públicas de universalização do acesso aos meios de comunicação e informação.

O estudo realizado por Oliveira, Gomes e Barcellos (2020) indica que as medidas consideradas mais óbvias para o período pós-pandemia, como o ensino remoto, o uso de tecnologias e o aumento da carga horária, dificilmente constituem soluções robustas para o enfrentamento das consequências da interrupção do calendário escolar, e que, embora estejam sendo incorporadas ao dia a dia da escola com maior intensidade, essas três opções dificilmente contêm os elementos para ajudar na recuperação dos alunos mais prejudicados. Para estes autores, as alternativas mais efetivas incluem, inicialmente, um diagnóstico dos alunos como base para a retomada dos programas de ensino. E, a partir daí, intervenções que incluem, do lado pedagógico, o ensino estruturado, o uso de métodos adequados de alfabetização, o uso estratégico dos deveres de casa e de programas de leitura; e para os alunos com mais dificuldade, programas intensivos de tutoria em pequenos grupos. (VIEIRA; SILVA; 2020, p.1026).

Os autores destacam que mesmo que as tecnologias tenham ampliado seu espaço devido a sua essencialidade no contexto educacional da pandemia, as preocupações e cuidados ainda devem priorizar: as condições de trabalho docente, a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, a relevância dos temas a serem abordados, o desenvolvimento de práticas pedagógicas centradas no aluno, o resgate das responsabilidades discentes sobre o seu processo de aprendizagem e o envolvimento das famílias no processo de formação dos estudantes.

Vieira e Silva (2020) sintetizam que a tendência que deriva do ensino remoto destaca mais ainda a desigualdade, a fragilidade na profissão docente, a defasagem na estruturação da educação pública, haja vista as limitações docentes quanto à sua competência digital e habilidade para a transposição metodológica do presencial para o online e as limitações de infraestrutura tecnológica e de conectividade, associadas principalmente aos estudantes das escolas públicas em situação de vulnerabilidade social, econômica e emocional.

Por fim, os autores afirmam que a situação inesperada causada pela pandemia criou oportunidades para aqueles que estavam habituados a pensar e lidar com as tecnologias como uma opção, se apropriarem dos recursos tecnológicos de alguma forma. Possibilitou também

que professores e estudantes tenham uma experiência diferente de educação, da que antes era vivida nas escolas. Nesse sentido os autores ressaltam o quanto foi difícil e longo o processo de adaptação à realidade que a pandemia causou, mas necessário para dar continuidade às atividades escolares. “É preciso repensar a concepção de aprendizagem, da ação pedagógica, do currículo e dos próprios sujeitos do processo educacional; é preciso fomentar a tendência do ensino online aliado ao ensino presencial na educação básica e secundária, em prol de uma educação transformadora, emancipatória, inclusiva e de qualidade”. (VIEIRA; SILVA; 2020, p.1028).

O segundo artigo estudado, denomina-se: “*Impactos da pandemia da COVID-19 na Educação: com a palavra os professores*” (2022), das autoras Márcia Goretti Ribeiro Grossi, Dalva de Souza Minoda e Renata Gadoni Porto Fonseca, tem por objetivo compreender os impactos da pandemia da Covid-19 na educação, sob a perspectiva dos professores do Ensino Fundamental I da Rede de Ensino Privada de Belo Horizonte. Com isso, foi realizada em 2020 uma investigação classificada como pesquisa Survey, na qual participaram 250 professores.

As autoras começam descrevendo a situação de calamidade que fez com que praticamente todas as práticas presenciais em todo o mundo fossem interrompidas para contenção da doença. “Assim, atrás de portas fechadas de diversas famílias em todo o mundo, milhares de empresas e famílias tentam se organizar em um mundo virtual. Um vírus foi responsável pela maior experiência de trabalho remoto em todo o planeta, trabalhar e estudar em casa deixou de ser uma possibilidade e tornou-se inevitável.” (GROSSI; MINODA; FONSECA; 2022, p.587).

O foco do artigo está nos profissionais da educação, especificamente nos professores. Que segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em março de 2020, o mundo contabilizou cerca de 1,5 bilhões de estudantes que tiveram suas aulas presenciais suspensas, o que representa 87% da população mundial de estudantes. Consequentemente causando grande repercussão no desenvolvimento educacional dessa geração. (GROSSI; MINODA; FONSECA, 2022).

A pesquisa norteou-se pela seguinte questão: Como os professores lidaram com a imprevisibilidade de ter que mudar sua forma de ensinar, passando do ensino presencial para o remoto em um curto espaço de tempo? Nesse sentido, foi realizado um estudo para responder este questionamento com o objetivo de compreender os impactos da pandemia da COVID-19 na educação, sob a perspectiva dos professores do Ensino Fundamental I da Rede de Ensino Privada de Belo Horizonte – Minas Gerais, a qual passou a ofertar suas aulas a

distância (nesse período as escolas públicas desse estado ainda não haviam aderido o ensino remoto). A coleta de dados foi feita em 2020, utilizando um questionário criado no *google docs*, abordando os seguintes aspectos: o perfil dos professores; seus vínculos profissionais; suas experiências com a EaD; suas experiências com tecnologias antes da quarentena; o trabalho docente durante a quarentena e questões sobre seus estudantes durante as aulas a distância.

No referencial teórico, as autoras destacam a importância da tecnologia nesse período de afastamento social, sendo ela grande aliada do ensino-aprendizagem. Precisamente porque são recursos que auxiliam o professor em sala de aula, servem de complemento para as outras metodologias tradicionais e podem facilitar a aprendizagem. Nesse sentido, a educação se rendeu às mudanças e mesmo que a escola não estivesse preparada para mediar o ensino-aprendizagem através das tecnologias, foi um momento formador para todos, para que as tecnologias fizessem parte da educação de forma mais integral. Os professores foram principalmente desafiados a inovar e lançar mão do ensino remoto para que os estudantes não fossem interrompidos em seu processo educativo. As autoras discutem o despreparo da sociedade com relação a pandemia que se instalou no mundo, a ponto da medida imunológica mais eficaz ser o distanciamento social e a quarentena. Nesse contexto, as tecnologias, recursos que já estão presentes em vários nichos da sociedade, se tornaram essenciais para a continuidade de muitos trabalhos e para a educação.

Afinal, inserir tecnologias digitais nas escolas exige planejamento estratégico, repensar os espaços de aprendizagem, proporcionar capacitação aos professores e envolver os alunos e familiares. Nesse cenário, o papel de todos os envolvidos nas práticas educacionais mudou, principalmente do professor, que é o mediador do processo de ensino e aprendizagem. (GROSSI; MINODA; FONSECA; 2022, p.590).

As autoras pontuam que mesmo que o ensino remoto tenha alguns aspectos do EaD, não devemos confundir-los por este se tratar de uma modalidade da educação bem mais estruturada organizacionalmente e geralmente para um público adulto. Da mesma forma não se trata de *homeschooling*, que apresenta uma proposta de ensino doméstico sem a participação de uma instituição educacional. Isso porque o ensino remoto é uma estratégia emergencial, com a característica de combinar as atividades presenciais e remotas online.

No primeiro tópico dos resultados e análises referente ao perfil dos professores, a pesquisa mostrou que 85,7% eram do sexo feminino e 14,3% do sexo masculino. Sobre a idade, 42,4% de 36 a 45 anos, 26,4% de 46 a 55 anos, 22,9% de 25 a 35 anos e 8,3% mais

que 56 anos. “Esse resultado indica que, embora os professores que participaram desta pesquisa apresentem uma maturidade, a maior parte desses (77,1%) não faz parte da Geração Internet (GI), a qual de acordo com Grossi et al. (2014) é formada por indivíduos que têm forte atração e fascínio pelas tecnologias digitais.”(GROSSI; MINODA; FONSECA; 2022, p.592). E a respeito da formação acadêmica demonstram que: 99% têm diploma universitário, dos quais, 34,7% têm graduação, 46,3% têm especialização, 14,3% são mestres, 3,9% são doutores e 0,8% tem o Ensino Médio completo.

Em relação ao segundo tópico, o vínculo profissional do professor com a escola: 89,2% afirmaram que são contratados por tempo indeterminado e 10,8% possuem um contrato temporário. No que diz respeito ao tempo de trabalho dos professores na escola: 36,4% têm de 1 a 5 anos, 24,4%, de 6 a 10 anos, 15,7% de 11 a 20 anos, 13,4% têm menos de um ano e 1% há mais de 20 anos. Sobre o regime de trabalho dos professores: 70,1% têm uma jornada parcial (trabalham em um turno), 29,9% tem uma jornada integral (trabalham em dois turnos), 78,8% só trabalha nessa escola e 21,2% trabalha em mais de uma escola.

No tópico que diz respeito às experiências do professor com EaD antes da pandemia, a maior parte desses (72,7%) declarou que já tinha feito cursos à distância e 27,3% nunca fizeram. No entanto, em relação à experiência de dar aulas a distância: 40,7% afirmam já terem lecionado nesta modalidade de educação e 59,3% afirmaram não terem tido essa vivência. Sobre a utilização de tecnologias digitais na sala de aula, 67,1% dos professores declararam que usavam algumas vezes, 27,3% usavam sempre e, 5,6% nunca utilizavam.

A respeito dos aspectos tecnológicos e do ensino remoto durante a quarentena, levantou-se quais tecnologias as escolas estavam utilizando para ofertar o ensino remoto: 70,1% das escolas adotaram um AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem) e 29,9% adotaram ferramentas digitais de comunicação. Os AVAs utilizados foram: Google Sala de Aula; *Microsoft Teams*; *Moodle*; Plataforma Escola e Canva. E a maioria dos professores, 64,1% utilizou de outras ferramentas digitais como: *Youtube*, as redes sociais, sites de videoconferência, *WhatsApp*, *Skype*, podcast e sites de jogos.

No que tange ao tempo de trabalho dos professores durante a quarentena: 78,8% dos professores diziam ter tido aumento de horas de trabalho. Para 7% o número de horas se manteve o mesmo e para 9,5% o número diminuiu. Segundo a pesquisa, essa demanda de enfrentar a rotina da casa, mudança na metodologia de trabalho e o convívio familiar durante o expediente de serviço têm causado ansiedade e estresse.(GROSSI; MINODA; FONSECA; 2022).

Sobre a questão dos alunos, no início do ensino remoto apenas 23,5%, participavam das aulas online; com o passar dos dias a participação chegou a aproximadamente a 100%. Nesse tópico, as autoras ressaltam que as crianças de 6 a 11 anos, não possuem autonomia suficiente para o estudo a distância. Os dados obtidos mostram que 75,8% dos professores consideram que seus alunos não têm autonomia para estudar a distância e precisam de ajuda em casa e a minoria (24,2%) acredita que eles têm essa autonomia, neste caso são os alunos entre 10 e 11 anos. Consequentemente, essa maioria percebe que seus alunos estão tendo dificuldades em casa para o manuseio das tecnologias e a organização para o estudo.

Esses resultados corroboram com o fato de que, 77,5% dos professores defendem a ideia que no final da quarentena o ano não estará perdido, mas será preciso retornar os conteúdos trabalhados nas aulas remotas, eles terão que redobrar seus esforços para que seus alunos não tenham prejuízo na aprendizagem. (GROSSI; MINODA; FONSECA; 2022, p.596).

Por fim, nas considerações finais autoras buscam retomar a pergunta norteadora da pesquisa: Como os professores estão lidando com a imprevisibilidade de ter que mudar sua forma de ensinar, passando do ensino presencial para o remoto em um curto espaço de tempo? As autoras respondem que apesar do cansaço e do estresse dos professores, com as mudanças abruptas ocasionadas pelo ensino remoto alterando profundamente suas metodologias, reconhecem que esta foi a opção mais viável para não interromper o processo educativo dos estudantes. Afirmam que a tecnologia ajudou, porém há uma diferença na qualidade da aprendizagem realizada, e mais ainda se preocupam com os alunos que não têm acesso à ela. Portanto, consideram que a reposição dos conteúdos pós pandemia será de suma importância para não defasar tanto a aprendizagem das crianças. (GROSSI; MINODA; FONSECA; 2022).

Os professores também demonstraram preocupação quanto ao preparo da escola em receber esses alunos pós pandemia. Sentiam muita dificuldade e não tinham nenhum auxílio na utilização das plataformas digitais e da própria plataforma da escola. Os professores compreenderam, mesmo com limitações na utilização, que as tecnologias possuem grande potencial para auxiliar em sala de aula e mesmo quando voltarem às aulas, dizem pretender usá-las como recurso pedagógico. Diante disso é perceptível que os impactos na educação causados pela pandemia, favoreceram uma transformação no modo de ensinar, pois a atuação do professor foi alterada profundamente. Para as autoras, esse período trouxe a possibilidade de uma educação inovadora, onde o professor tem um vasto horizonte de possibilidades para explorar nas tecnologias digitais.

Os resultados da pesquisa apontaram: o cansaço e estresse dos professores com o

aumento do trabalho, insegurança por ter que ensinar de uma forma com a qual não estavam habituados, principalmente porque alguns não dominavam as tecnologias digitais requeridas pelo ensino remoto, se sentindo pressionados pelas escolas e pelas famílias. Mas reconheceram que para a situação emergencial, as tecnologias foram a alternativa mais viável para que os alunos não fiquem afastados das atividades escolares, mesmo considerando que a qualidade da aprendizagem seria prejudicada, pois seus alunos não teriam autonomia e nem disciplina provavelmente para o estudo a distância. O retorno às aulas presenciais causou insegurança e ansiedade nos professores, principalmente porque a ideia era que eles retomassem alguns conteúdos anteriores com as crianças, por acreditarem ser necessário.

O próximo artigo examinado, intitula-se: “*Repercussões da pandemia da Covid-19 em crianças do Ensino Fundamental*” (2022), das autoras Andréia Vedana Romanzini, Letícia Thomasi Jahnke Botton e Aline Groff Vivian tem por objetivo conhecer as questões emocionais e comportamentais vivenciadas pelas crianças durante o período da pandemia da Covid-19, conforme as percepções dos pais. A pesquisa foi realizada em duas escolas privadas e envolveu a participação de 18 mães e 2 pais de 22 crianças que frequentavam o Ensino Fundamental I, com idades entre 6 e 10 anos. As entrevistas foram conduzidas pela plataforma *Google Meet* durante o período de abril a setembro de 2021. Das 22 crianças, três estavam no primeiro ano; cinco no segundo ano; oito no terceiro ano; três no quarto ano; e três no 5º ano do Fundamental I. Mesmo com entrevistas no formato on-line, muitos pais convidados não aceitaram participar do estudo alegando a falta de tempo, o que não possibilitou equiparar o número de crianças em cada ano por escola.

O artigo começa trazendo alguns impactos em relação a saúde mental das crianças no período da pandemia, através de outras pesquisas, e um deles é que o número de crianças com distúrbios mentais aumentou muito nesse período. Como também aborda principalmente a importância de se observar a saúde mental das crianças, por serem um público de maior vulnerabilidade emocional.

A escola possui grande relevância quanto à saúde mental das crianças, pois possui caráter socializante, assim como afirma Romanzini, Botton e Vivian (2022). Nesse sentido, o artigo traz a ligação direta da escola com a saúde mental dos estudantes. “O papel da escola e do convívio social entre os estudantes se torna fator de proteção às doenças mentais em tempos de pandemia” (ROMANZINI; BOTTON; VIVIAN, 2022, p.149). Alguns dos motivos elencados pela pesquisa para a mudança de comportamento e impacto na saúde mental das crianças foram: adoecimento e perda de familiares, afastamento da escola e dos

entes queridos, crise financeira dos pais e uso prolongado da internet.

A partir dos dados coletados na pesquisa, os resultados foram organizados em duas dimensões: a Percepção dos pais acerca das necessidades emocionais infantis e aspectos promotores da saúde mental para as crianças durante o período de distanciamento social da pandemia da Covid-19.

Sobre a primeira dimensão, a percepção dos pais acerca das necessidades emocionais infantis, a pesquisa destaca principalmente o sentimento de medo das crianças, quanto a contrair o vírus ou algum dos seus entes queridos. É fato que a pandemia provocou esse sentimento em todos, de pânico e ao mesmo tempo sobrevivência, mas o estudo destaca a vulnerabilidade da criança por estar em fase de formação neural.

Compõe ainda essa dimensão a aprendizagem das crianças, sobre qual obtiveram principalmente as seguintes respostas: baixo rendimento escolar; repercutindo nas notas; dificuldade em se concentrar; as crianças em geral não gostaram da aula online; a frustração da criança por não conseguir aprender e dos pais/mães por não conseguir ensinar e dificuldade por parte deles no auxílio estudantil por não dominarem os conteúdos, nem terem conhecimentos pedagógicos para tal. Esses aspectos demonstram como os três sujeitos do ensino-aprendizagem: estudantes, pais e professores, precisam estar alinhados para o bem da aprendizagem da criança; mas tornou-se um grande desafio nesse período, principalmente porque o ambiente escolar é todo voltado para o ensino-aprendizagem, já o ambiente familiar, remete a outro contexto social de interações, o que contribuiu para a falta de concentração. O ambiente escolar é parte do aprender, por seus vários elementos característicos que corroboram à aprendizagem, sem contar que é um espaço que proporciona apoio em vários aspectos.

O estudo traz a ansiedade como o sentimento que mais atingiu as crianças, provocada pela insegurança, incertezas e o medo do desconhecido. O que também contribuiu para as dificuldades de aprendizagem nesse período; percebe-se que o ensino ocorreu de forma limitada, então muitos saíram sem a apreensão dos componentes necessários para o ano seguinte, e isso vai provocando um efeito cascata na educação, por tempo indeterminado.

A segunda dimensão abordada na pesquisa diz respeito aos aspectos promotores da saúde mental para as crianças durante o período de distanciamento social da pandemia da Covid-19, segundo a percepção dos pais. Nessa parte há o destaque de alguns aspectos positivos que auxiliaram as crianças e contribuíram para diminuir a fragilização da saúde mental delas.

Um fator importante apontado pelos pais na promoção da saúde mental de seus filhos foi o acompanhamento psicológico que as crianças puderam fazer conforme os relatos obtidos na entrevista:

“Ela faz terapia há mais de um ano com uma psicóloga [...]. (P03)”. “Já faz acompanhamento de uma psicóloga desde os três anos. (P07).” “Agora que a psicóloga tá atendendo ele. (P17).” “E ela fazia também acompanhamento com a psicopedagoga. (P19).” “Durante a pandemia ele estava indo na psicóloga. (P20).” (ROMANZINI; BOTTON; VIVIAN, 2022)

A psicoterapia infantil pode facilitar a expressão dos sentimentos por meio de verbalizações, brincadeiras e desenhos, fazendo com que a criança elabore estratégias de cuidado específicas para ela. (ROMANZINI; BOTTON; VIVIAN, 2022, p.158)

E mesmo que os pais tenham nesse contexto, se tornado também auxiliadores na mediação do ensino e da saúde mental das crianças, eles se esforçaram mesmo com suas limitações, para dar o suporte necessário para seus filhos e manter a rotina das crianças. O brincar também teve grande relevância nesse processo de cuidar da saúde mental das crianças. Também houveram vários relatos de levar as crianças para andar ao ar livre, ou ir numa chácara da família.

É por meio do brincar que a criança desenvolve seus conhecimentos e aumenta a interação com seus pares, incrementando, dessa forma, suas habilidades de lidar com as próprias expectativas e frustrações, aprendendo a conviver em grupo e a expor seus sentimentos. (ROMANZINI; BOTTON; VIVIAN, 2022, p.158).

Em suma, as famílias participantes da pesquisa, relataram o benefício de ficarem juntas e se relacionarem mais uns com os outros, reaprenderem a conviver e conseguir fazer coisas simples juntos. E assim os impactos foram abrandados para os pesquisados. Por fim, é importante ressaltar que essa pesquisa foi feita com crianças da rede particular, com pais que possuem renda alta e média alta. Essa condição de acesso ao psicólogo, saídas para espaços de natureza, entre outros, não é a realidade da maioria das crianças no Brasil, que vivem em profunda desigualdade social. Crianças de famílias de baixa renda, tiveram que lidar com questões básicas de sobrevivência, como por exemplo, acesso à alimentação.

A quarta produção investigada, denominada de: “*Perspectivas e desafios do ensino brasileiro: uma revisão da educação remota na pandemia da Covid-19*” (2022), dos autores João Guilherme Nunes Pereira e Silvano Bastos Santiago, tem como objetivo analisar o modelo proposto de ensino remoto no Brasil no cenário emergencial da pandemia da Covid-19. A revisão de literatura realizada pelos autores buscou compreender, em especial, os seguintes aspectos: “o comportamento do ensino brasileiro na pandemia; desafios do uso

das tecnologias na educação em tal contexto e seus possíveis resultados inovadores no campo da ensinagem (PEREIRA; SANTIAGO, 2022, p. 1).

Nessa perspectiva, o artigo traz a importância das novas tecnologias para o auxílio das práticas pedagógicas e de como é relevante que os docentes se preocupem e tenham interesse pelas áreas de conhecimento relacionadas às TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação), que não devem ser ignoradas e fazem parte da sociedade contemporânea e podem contribuir no processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos da educação.

Por outro lado, a necessidade de suprir a carência na educação que surgiu com o coronavírus, também mostrou que o novo pode provocar muito estranhamento, nesse caso por causa do desconhecimento metodológico. Por se tratar de recursos que eram utilizados apenas como apoio pedagógico, muitos não tinham acesso ao uso das tecnologias no ensino que o contexto pandêmico exigiu; isso tanto no quesito de manuseio das tecnologias e plataformas digitais, quanto o desafio de reinventar a forma de ensinar e de manter a criança interessada com as aulas, realizar de forma significativa o processo ensino-aprendizagem entre outros. Além disso, o artigo dialoga sobre a carência formativa que existe nos cursos de licenciaturas para com as TIC's e sua utilização na educação.

O Brasil, como muitos outros países, fez uso das TIC's no ensino, as quais foram essenciais para manter o isolamento social justamente pela sua possibilidade de alcance, podendo assim minimizar o impacto dos fechamentos das escolas na vida de milhões de estudantes.

O artigo traz a informação de um censo realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), que mostrou que em 2019 havia no Brasil 47,9 milhões de estudantes matriculados na Educação Básica e 8,4 milhões no Ensino Superior (INEP, 2020). Esses números indicam um montante de aproximadamente 56,3 milhões de estudantes afetados pela pandemia do vírus da COVID-19.

Em relação aos dados relacionados ao Ensino Fundamental, os autores trazem um gráfico da periodicidade de atividades nos anos iniciais do Ensino Fundamental de um estudo promovido pelos órgãos Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (IEDE) e Instituto Rui Barbosa (IRB), mostrando que Sudeste e Sul eram as regiões brasileiras que mais acompanhavam os estudantes de modo quinzenal e o Nordeste se destacou pois acompanhava diariamente.

Por fim, os autores destacam o lado obscuro do uso das tecnologias como ferramenta alternativa no período emergencial, porém muitos estudantes não têm acesso às mesmas. Na teoria essa era a via pela qual as crianças teriam acesso à educação, entretanto

temos um fator da realidade brasileira que mostra que muitos não tinham aparelho tecnológico e/ou internet em casa. Então esse foi um dos impactos que a pandemia causou em muitas pessoas que possuem renda baixa.

E dentre as tantas faces da desigualdade social no Brasil, temos também a desigualdade digital. O ensino remoto, por exemplo, tem se mostrado uma realidade inviável para grande parte dos estudantes brasileiros. A dificuldade de acesso à internet, ou a falta de equipamentos como computadores, tablets ou celulares para acompanhar as aulas remotas tornam esse formato de ensino totalmente utópico (GHENTER, 2020, *apud* PEREIRA; SANTIAGO, 2022, p.38).

Desigualdade digital dos discentes e omissão das redes de ensino na formação dos docentes, foram um dos principais limites destacados pela pandemia trazidos pelo artigo.

Nesse viés, verificou-se o agravamento das desigualdades sociais, e digitais, como notório condicionante ao acesso de materiais didáticos. O estudo expõe que a carência na formação digital dos educadores brasileiros foi um grande desafio na implementação ao ensino remoto. (PEREIRA; SANTIAGO, 2022, p.38).

Este artigo contribuiu para compreender como se deu o ensino remoto no Brasil de uma forma geral. Pudemos destacar os principais desafios enfrentados pelos sujeitos da educação, professores e estudantes, e como o uso das TIC's foi importante para a educação nesse período, no entanto houve uma grande desigualdade de acesso por parte de muitos estudantes.

"A pandemia da covid-19 e suas repercussões para a educação básica: revisão sistemática da literatura" (2022), das autoras Tatiele dos Santos Telaska e Adrieli Larissa Machado, é o quinto artigo componente desse estudo. Ele tem por objetivo investigar as repercussões da pandemia da covid-19 na Educação Básica brasileira. Para a realização da pesquisa foi feita uma busca nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Revistas Científicas de América Latina y el Caribe* (Redalyc), com as palavras-chaves: "covid-19" e "educação básica", juntamente com o descritor booleano and. Ao total foram 10 artigos selecionados para esse estudo.

As autoras começam situando a pandemia da Covid-19, desde seu início, confirmado pelas autoridades chinesas a presença do coronavírus em 7 de janeiro de 2020 até chegar nos outros países. Quanto maior o número de pessoas afetadas pela doença, mais as medidas preventivas ficavam rígidas, de início. Até que ocasionou o fechamento das escolas, influenciando diretamente no desenvolvimento infantil.

Com o avanço da pandemia, a educação foi atingida, com isso, em 16 de junho de 2020 (BRASIL, 2020) o Ministério da Educação (MEC) publicou uma portaria sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durasse a situação de pandemia da covid-19. Autorizou, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor. (TELASKA; MACHADO; 2022. p.24).

As autoras trazem alguns dados da UNICEF, que revelam a realidade até o momento da realização da pesquisa referente a evasão escolar, falta de acesso às atividades e exclusão:

Com escolas fechadas por causa da pandemia, em novembro de 2020 quase 1,5 milhão de crianças e adolescentes de 6 a 17 anos não frequentaram a escola. Cerca de 3,7 milhões que estavam matriculados não tiveram acesso a atividades escolares e não conseguiram se manter aprendendo em casa. Dos 5,1 milhões de estudantes sem acesso à educação em novembro de 2020, 41% tinham de 6 a 10 anos de idade; 27,8% tinham de 11 a 14 anos; e 31,2% tinham de 15 a 17 anos – faixa etária que era a mais excluída antes da pandemia. (UNICEF, 2021 *apud* TELASKA; MACHADO; 2022).

Com a necessidade de substituir o ensino presencial pelo ensino mediado pela internet, buscou-se refletir sobre a importância das tecnologias digitais na educação, haja vista que essa foi a alternativa para garantir a eficácia do afastamento social no meio educacional.

Telaska e Machado (2022) ponderam que no início do processo de adaptação, foram levantadas inúmeras dúvidas sobre a eficácia da escolarização, mediada exclusivamente pelos meios tecnológicos. E de fato com o passar do tempo, percebeu-se que os professores muitas vezes não conseguiam mediar as aprendizagens de forma satisfatória e os alunos não tinham a mesma capacidade de compreensão com aula online.

Tendo em vista que era necessário que os professores adaptassem a aula para a modalidade online, de forma a modificar a metodologia tradicional de sala de aula, por uma que atendesse a demanda do ensino remoto, se levantou um desafio para os docentes de conhecer mais as TIC's, para que assim pudessem realocar conteúdos e atividades para o ensino remoto. Nesse sentido, o artigo aponta a necessidade de formação continuada e capacitação para que os profissionais da educação pudessem ter mais êxito em suas aulas.

As autoras ressaltam que os sujeitos mais encontrados nas pesquisas analisadas foram na maioria profissionais da educação, como: professores, diretores, coordenação

pedagógica, assistente de secretaria e professoras.

As autoras fazem uma separação dos aspectos positivos e negativos encontrados nos textos pesquisados, sobre eles:

De modo geral, os aspectos negativos apontados foram dificuldade no gerenciamento de informações e tempo, recursos tecnológicos, estrutura, motivação, desinteresse, adaptação às atividades, dificuldade de atenção e interação nas aulas, falta de feedback dos alunos, dificuldade dos pais em ajudar nas atividades, sobrecarga e falta de interação social. Quanto aos aspectos positivos, destaca-se a continuidade no ensino, alunos que se adaptaram bem ao ambiente virtual, convívio escolar, educação como elo, reorganização escolar, flexibilização do ensino, autonomia e reflexão da importância de diminuir as desigualdades. (TELASKA; MACHADO; 2022, p.27).

A respeito da discussão dos dados da pesquisa, as autoras registram as seguintes questões: as pesquisas abordaram mais a questão dos professores e alunos, apesar dos pais também terem dificuldades nesse período, para conseguirem participar mais efetivamente do ensino-aprendizagem dos filhos, que agora não tinham a presença física do professor.

Segundo Telaska e Machado (2021), o acesso desigual aos equipamentos tecnológicos e a internet, muitas residências viveram a ausência de conexão com internet, falta de formação de profissionais e alunos para utilizar as tecnologias para o fim proposto, falta de computadores e telefones danificados e alunos que residem em locais com restrição de acesso e de comunicação, foram os principais desafios encontrados em relação à tecnologia. Para as autoras, a pandemia foi um medidor para destacar a desigualdade de acesso às TIC's, ao mesmo tempo que promoveu oportunidades para engajar o uso das tecnologias na educação e emancipação do sujeito.

Através da discussão levantada neste artigo é possível perceber que para uma qualidade no processo de ensino-aprendizagem durante o período de isolamento social dependem basicamente de três fatores. O primeiro fator está relacionado com a familiaridade e a formação dos professores na produção de materiais didáticos de qualidade e suas habilidades com o uso de novas tecnologias, além é claro, do acesso que esses professores terão aos meios tecnológicos para produzirem suas atividades. O segundo, envolve o acesso que os alunos possuem ao computador com acesso à internet, ficou evidente que muitas vezes alguns alunos não possuem computadores em suas casas, e por esse motivo, estarão excluídos do processo de ensino-aprendizagem. O terceiro fator trata-se do aluno que possui o computador em sua casa com acesso à internet e muitas vezes precisa ser motivado para realizar as atividades, nesse caso, o professor precisará desenvolver atividades que motivem para realizar tais atividades de modo efetivo e traga de fato um conhecimento significativo por parte do aluno. (PEREIRA; BARROS, 2020 *apud* TELASKA; MACHADO; 2022).

O sexto artigo estudado nesta monografia, intitula-se: “*Um olhar sobre os processos de letramento e alfabetização na pandemia do Covid-19: Revisão de relatos de experiência (2019 – 2023)*” foi publicado em 2023, pelos autores Elaine Cristina Pinto Freitas, Lílian Silva e Castro e Sandro Salles Gonçalves. Ele faz uma investigação das metodologias de letramento e alfabetização ocorridas no decurso da pandemia da COVID-19. A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica de artigos, dentro do recorte temporal de 2019 a 2023, com o objetivo de compreender as práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de alfabetização, em meios digitais. Além de entender o ensino-aprendizagem da leitura e o uso das tecnologias no contexto do ensino remoto.

O artigo levanta a problemática da alfabetização tecnológica e científica no âmbito social discutindo alguns de seus conceitos e sua forma de desenvolvimento. Os autores vão percorrer a importância das TIC's para o processo de ensino-aprendizagem em todo o artigo, levando em conta que o fazer pedagógico, nesse período, aconteceu por intermédio delas. As tecnologias digitais, têm trazido grandes avanços para humanidade desde o início de sua existência, trazendo algumas vantagens na pandemia. No âmbito educacional, podemos afirmar que ela foi essencial para que a educação não fosse totalmente paralisada, devido a medida emergencial do distanciamento social. Diante da interrupção abrupta e ampla das atividades escolares presenciais, o uso das TIC's foi amplificado devido à demanda tanto no âmbito educacional, quanto no mercado de trabalho com o crescimento do *home office* para alguns trabalhos, e com isso se tornou uma alternativa viável para continuar o processo de mediar a educação.

Segundo a pesquisa dos autores, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, várias crianças que entraram no processo de alfabetização e leitura, tiveram que interromper essa fase tão importante, e por mais que o ensino remoto fosse realizado, esse processo não aconteceu com a mesma qualidade do módulo presencial. É bem verdade que o ensino presencial, por mais que tenha suas defasagens, possui o caráter de abranger os vários aspectos da vida social de um indivíduo, já o ambiente virtual, basicamente só proporciona o plano bidimensional, foi nesse aspecto que as crianças sentiram falta de um contato mais próximo e direto com seus professores e colegas. Os autores destacam que “Ainda na direção do processo de alfabetização, a defasagem se mostrou ainda maior, pois é nesta fase que há mais dependência de mediação, intervenção e interação entre professores/estudantes e estudantes/estudantes.” (FREITAS; CASTRO; GONÇALVES, 2023, p.10).

Os autores também destacam que muitos estudantes não dispunham de conexão com a internet em suas residências ou mesmo não sabiam fazer uso de certos aplicativos.

Esses foram alguns dos empecilhos vividos por crianças que dependiam de aparelhos tecnológicos dos pais, que só podiam ter esse acesso quando os pais chegavam em casa e/ou pais que não tinham conhecimento tecnológico para auxiliar o filho.

O artigo discute o conceito de letramento e alfabetização, que segundo os autores: a palavra letramento é uma forma de tradução do inglês *Literacy*, significando “o estado ou a condição de se fazer usos sociais da leitura e da escrita”. (SOARES; 2021 *apud* FREITAS; CASTRO; GONÇALVES, 2023, p.6)

A UNESCO descreve alfabetização como: [...] conhecimento básico, necessário a todos num mundo em transformação; em sentido amplo, é um direito humano fundamental. Em toda a sociedade, a alfabetização é uma habilidade primordial em si mesma e um dos pilares para o desenvolvimento de outras habilidades. Existem milhões de pessoas, a maioria mulheres, que não têm a oportunidade de aprender [...] a Alfabetização tem também o papel de promover a participação em atividades sociais, econômicas, políticas e culturais, além de ser requisito básico para a educação continuada durante toda a vida. (BRASIL, 2007, p.40 *apud* FREITAS; CASTRO; GONÇALVES, 2023, p.6).

Com a pandemia, e logo o ensino remoto, houve um crescimento no letramento digital, que para Freitas, Castro e Gonçalves (2023) é a capacidade de ler, interpretar e realizar atividades que outrora seriam feitas em sala de aula, só que agora por meio de computadores, internet e plataformas digitais. Ressaltando a importância de adaptar essa aprendizagem a essa modalidade, visto que não há contato direto com o professor e seus pares.

O artigo aborda o desafio vivido pelos pais, pois estes deveriam dar um apoio direto às aulas e aos seus filhos, mais do que comumente participavam da educação deles, visto que agora as crianças não iriam à escola. Com isso, as crianças também foram afetadas com o estresse dos pais, que muitas vezes não tinham tempo e paciência para auxiliá-los, onde por sua vez, os pais tinham que conciliar o teletrabalho e/ou sair para trabalhar e estar constantemente exposto ao vírus. Ou ainda se sentiam incapazes de auxiliar a criança em determinadas atividades e disciplinas que não tinham conhecimento ou metodologias pedagógicas. Os autores afirmam que no âmbito da pandemia, as famílias foram por vezes as responsáveis pela mediação do processo, visto que os discentes não mantinham o contato direto com os docentes. (FREITAS; CASTRO; GONÇALVES, 2023).

As finalidades da escola não abrangem só o desenvolvimento da escrita, fala e outros aspectos cognitivos, mas também as habilidades motoras e sociais, como o brincar, atividades com seus pares, contato com a natureza, entre outros aspectos. O novo ambiente de estudar, proposto pelo ensino remoto tornou-se a própria casa da criança, então os autores

trazem a importância que se teve de manter esses dispositivos do desenvolvimento ativos em casa também, para minimizar os prejuízos do distanciamento social. Assim os autores destacam a necessidade das crianças precisarem de um tempo fora das telas de modo que pudessem brincar, desenvolver suas habilidades motoras, afetivas, cognitivas e passar tempo com seus familiares. (FREITAS; CASTRO; GONÇALVES, 2023).

De acordo com os autores, a alfabetização não desenvolve só a função de aprender a ler e escrever, mas propõe dignidade social nos diversos usos da oralidade e escrita. As práticas pedagógicas relacionadas à alfabetização levaram em conta a utilização da tecnologia para ampliação desse processo que é de suma importância nos anos iniciais, com o objetivo de não prejudicar o tempo de aprendizagem das crianças nessa etapa de escolarização. Porém, é destacado pelos autores que a alfabetização foi o período que mais sofreu com o afastamento social e necessidade de ensino remoto, principalmente por se tratar de um momento que a interação e mediação presencial do professor é essencial para a aprendizagem.

Feitosa e Santos (2020) salientam que a ruptura do processo educacional de presencial para remoto, justo na 1º série do ensino fundamental, num tempo em que se espera que aconteçam as primeiras interações entre as crianças, trouxe ainda mais responsabilidades para as famílias no processo de aprendizagem e desenvolvimento da leitura e escrita de seus filhos. (FREITAS; CASTRO; GONÇALVES, 2023, p.10).

Por fim, os autores destacam que pelo fato da mediação dos professores não ter acontecido na modalidade presencial, o uso das tecnologias como mediador, não foi suficiente para alcançar os objetivos esperados para a alfabetização e letramento das crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. (FREITAS; CASTRO; GONÇALVES, 2023).

O último artigo analisado refere-se ao denominado: “*Pandemia e a escola remota para crianças em fase de alfabetização no Brasil: cenários de contrastes*” (2023), dos autores Juliana Tonin, Anderson dos Santos Machado e Patrícia Ruas Dias, tem como objetivo compreender as estratégias de mediações comunicacionais adotadas por diferentes escolas nas atividades de ensino para crianças ingressantes no 1º ano do Ensino Fundamental em 2020, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. A pesquisa de caráter qualitativo foi realizada por meio de entrevistas com as equipes pedagógicas de três escolas: uma municipal, outra estadual e outra privada e com três famílias de estudantes dessas escolas

Com relação às mediações comunicacionais, os autores afirmam que o uso das tecnologias reabriu o caminho para não interditar o acesso à aprendizagem de muitos estudantes, pois imaginar que as aulas presenciais seriam canceladas e as crianças ficariam

sem estudar, foi um período difícil, mas mediar a educação através das tecnologias, com certeza amenizou o impacto da defasagem.

Os autores trazem o Parecer do Conselho Nacional de Educação n.5/2020 (Brasil, 2020), contendo disposições sobre as estratégias comunicacionais sugeridas para as escolas, sendo elas: a) não presenciais com TICs que englobam aulas gravadas, TV aberta com programas educativos, vídeos educativos, atividades online síncronas regulares, atividades online assíncronas regulares, grupos de pais e professores aplicativos de mensagens instantâneas; b) não presenciais sem TICs envolvendo a elaboração de materiais impressos compatíveis com a idade da criança para realização de atividades (leitura, desenhos, pintura, recorte, dobradura, colagem, entre outros); e c) não presenciais com famílias que dizem respeito às orientações aos pais para atividades relacionadas aos objetivos de aprendizagem e habilidades da proposta curricular e guia sobre a organização das rotinas diárias; sugestões para pais realizarem leituras para seus filhos; estudos dirigidos com supervisão dos pais; guias de orientação. (TONIN; MACHADO; DIAS; 2023). Porém os autores avaliam que não há um detalhamento das especificidades de cada grupo de estratégias para realização do ensino remoto.

No Rio Grande do Sul, segundo o Inep em 2020, existiam 5.791 escolas de EF1, destas: 3.001 municipais, 1.981 estaduais, 1 federal e 584 privadas, e contava com 708.920 matrículas nos anos iniciais, sendo: 55,2% em escolas municipais, 30% em estaduais, 14,8% em privadas e 0% na escola federal. (INEP 2019 *apud* TONIN; MACHADO; DIAS; 2023).

Nesse sentido, os autores apresentam os cenários das três escolas entrevistadas. Na escola particular, o ensino remoto começou quase que imediatamente dia 19 de março, inicialmente pelo moodle e depois de algumas semanas pelo Zoom, além de rede social e whatsapp das professoras disponibilizados às famílias. Os encontros síncronos do 1º ano eram de duas horas diárias. Um diferencial dessa escola é que ela fez um empréstimo de tablets e computadores para alguns bolsistas e os responsáveis recebiam um curso de capacitação para usá-los.

Os autores registram que os professores e pais tinham dificuldades de dividir equipamentos tecnológicos e espaços na casa. Além dos docentes despenderem mais tempo para compreender o uso das tecnologias e a preparação das aulas. Alguns pais citam a dificuldade de seu filho de entender e realizar as atividades remotas.

No cenário da escola estadual, os autores relatam que foi organizado às pressas tarefas para alunos que estavam presentes no último dia presencial. Depois disso, a escola

disponibilizava semanalmente materiais impressos, de forma que os responsáveis trouxessem os anteriores. Diante disso, os professores adotaram a metodologia referente às tecnologias e conseqüentemente tiveram que disponibilizar mais horas do seu dia.

As redes sociais se mostraram mais eficazes para manterem um contato mais próximo e mediação das atividades, visto que muitos tinham dificuldades para o acesso das plataformas digitais. Uma realidade percebida, foi a de que os alunos que estiveram no 1º ano em 2020, início da pandemia, em 2022 estavam no 3º, ano que se espera que as crianças estejam alfabetizadas, mas nesse contexto uma das professoras relata que nenhum de seus alunos de 3º ano estavam alfabetizados. (TONIN; MACHADO; DIAS; 2023).

Os objetivos da alfabetização, que já eram difíceis de serem atingidos em função do contexto da escola, ficaram agravados na pandemia, relata EP3(2022). As crianças, sem reprovação, ou mesmo ausentes nas aulas, passaram de ano sem “saber escrever o nome”. Há disparidade de níveis de competência de aprendizados em relação ao ano escolar frequentado, pois a maior parte delas não atingiu níveis mínimos de alfabetização. (TONIN; MACHADO; DIAS; 2023, p.16).

No cenário da escola municipal, os autores identificaram que a reação imediata dos professores foi distribuir alguns livros didáticos para as crianças que estavam no último dia presencial, enquanto os professores assustados com o panorama, aguardavam instruções. Uma característica de todos nesse período, foi aguardar algumas semanas achando que logo a poeira ia abaixar, por isso também o despreparo no planejamento. A princípio, o *Facebook* foi a rede social pela qual os professores gravavam pequenos vídeos explicando os conteúdos, para amenizar a ausência das aulas presenciais. Mas segundo dados da pesquisa, menos de 20% das famílias tinham acesso a um computador em casa e 10% não tinham celular. (TONIN; MACHADO; DIAS; 2023). A partir do segundo semestre daquele ano, a ação mais sistemática da escola foi a de doação de rancho semanal com alimentos não perecíveis para auxiliar as famílias, pois muitos ficaram desempregados e sem moradia regular. (TONIN; MACHADO; DIAS; 2023, p.17). No rancho, a escola enviava atividades impressas, mas sem muito retorno.

Para realização das aulas online, a prefeitura ofereceu plataforma comercial e as famílias ganharam pacotes de dados. Não alcançou o sucesso esperado, pois os poucos aparelhos disponíveis na região não eram compatíveis com o aplicativo. Os professores também não tinham computadores adequados para utilizá-lo. Ao final de 2020, a prefeitura enviou computadores para alguns professores, com quase um ano de pandemia. A pesquisa identificou 68% de evasão escolar na volta às aulas, número alarmante para um município.

Uma das professoras entrevistadas, identificou que, apesar das dificuldades

enfrentadas pela falta de acompanhamento no 1º ano, elas foram compensadas no 2º ano, pois foram trabalhadas habilidades necessárias para a alfabetização. Percebeu que dentre as crianças que tiveram mais apoio da família, em especial dos irmãos mais velhos, um avanço foi mais consistente. Contudo, notou muita ansiedade nas crianças, isolamento e dificuldade de interação com os colegas, além de maior medo de errar. (TONIN; MACHADO; DIAS; 2023).

Os professores demonstraram interesse em evitar discriminação tecnológica, que poderia ser gerada pelo favorecimento de aulas para apenas algumas crianças. Com isso, o primeiro ano de pandemia foi marcado pela subsistência alimentar e manutenção do vínculo, essencialmente, e o segundo ano figurou o início do processo de alfabetização propriamente dito. (TONIN; MACHADO; DIAS; 2023, p.18).

Os autores concluem, levantando pontos fortes que foram identificados no cenário educacional pandêmico, sendo eles: capacitação para conhecer os usos dos recursos tecnológicos; falta de aparelhos tecnológicos e internet adequada; adequação do ensino híbrido de acordo com as necessidades de cada estudante; os professores aumentaram sua carga horária para atender a demanda diversificada dos estudantes; as incertezas que a pandemia causava, prejudicava planejamentos a longo prazo, desfavorecendo o ensino-aprendizagem e as crianças em processo de alfabetização necessitavam da presença constante de um adulto, o que por muitas vezes era inviável, devido aos pais ou responsáveis terem que trabalhar e não ter quem mediasse sempre.

Foi possível perceber nos três cenários trazidos pela pesquisa, a diferença no uso dos recursos tecnológicos, determinando os contrastes da experiência que cada um teve no seu processo de ensino-aprendizagem. A escola particular, por exemplo, se destacou por seus estudantes terem maior auxílio familiar em suas atividades escolares do que as demais, o que destaca mais ainda as desigualdades sociais. De acordo com os resultados da pesquisa, a escola particular conseguiu alfabetizar seus estudantes, já a escola estadual e municipal obteve mais dificuldade. Por fim, os autores concluem que a experiência da criança, seu aprendizado e sua socialização foi determinada pela ausência de manejo de recursos, sejam eles de subsistência, num primeiro plano, e de condições tecnológicas num segundo. (TONIN; MACHADO; DIAS; 2023).

De acordo com Tonin, Machado e Dias, para atuar frente às desigualdades, é necessário ter um olhar atento para as singularidades e, acima de tudo, para a diversidade, potencializando a visão integral do ser humano em sua comunicação e educação. (TONIN; MACHADO; DIAS; 2023).

2.1 SÍNTESE DAS PESQUISAS SOBRE OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA

A partir dos artigos analisados, realizamos uma síntese dos mesmos buscando destacar dimensões que ajudem a compreender o objeto de estudo desta monografia. Em termos metodológicos, quatro dos artigos analisados são balanço da produção e revisão de literatura e três realizam questionário e/ou entrevistas com professores, pais e/ou equipes pedagógicas. Chama a atenção que a maioria não teve pesquisa de campo e fez o balanço de outras pesquisas – o que deve-se, provavelmente, ao período de distanciamento social e nenhuma delas fez entrevistas e ou questionários com as crianças, estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A partir da temática pesquisada, os anos iniciais do Ensino Fundamental em meio a pandemia da Covid-19, destacamos três dimensões de forte presença nos artigos selecionados para análise, sendo eles: as desigualdades educacionais na pandemia; os impactos da pandemia na educação e as práticas pedagógicas desenvolvidas nesse período. A partir dessas dimensões, iremos sintetizar os pontos centrais da síntese feita a partir dos artigos a seguir.

Cada artigo a seu modo, aborda a questão das desigualdades educacionais na pandemia, afinal de contas esse período conseguiu destacar ainda mais as diferenças sociais, econômicas, logo também, as educacionais que existem no Brasil e no mundo. As classes menos favorecidas, demonstraram muita dificuldade quanto a acessar a educação através das tecnologias disponíveis para a mediação do professor. Ficou visível também, a diferença dos impactos entre sujeitos da escola particular e da pública; sendo que na escola particular, os estudantes tinham com maior facilidade acesso aos aparelhos tecnológicos e a escola dispunha desses aparatos em maior quantidade, na escola pública, a princípio houve certa resistência em aderir o ensino remoto, justamente pela carência tanto dos estudantes, quanto da escola em relação à recursos tecnológicos, mas também pela fragilidade do ensino a ser realizado por essa via. Por isso também, o material impresso era uma metodologia de resistência para que algum conteúdo chegasse àqueles que não conseguiam contato constante com a professora ou até mesmo não participavam das aulas online por diversos motivos como: não ter aparelhos tecnológicos disponíveis na hora da aula online, pois as vezes só tinham o celular da mãe que passava o dia trabalhando e só chegava em casa a noite, como a dificuldade do adulto de auxiliar a criança no acesso ao ensino remoto. Em grande parte, os autores localizam as potencialidades do ensino remoto, apesar das desigualdades, ao mesmo tempo que não há uma crítica sobre o excesso e os impactos da tecnologia sobre o desenvolvimento das crianças

pequenas, naturalizando em certo sentido as mesmas. Como também, não há uma análise mais aprofundada do ensino e das concepções educacionais, aparentemente mais tecnicistas, e a transformação profunda do ensino, do papel do professor, da entrada de mais pacotes tecnológicos no ambiente escolar e da realização da alfabetização por meio de aparatos tecnológicos.

Os artigos também dialogam sobre a dificuldade dos professores em manusear as plataformas digitais, criar e editar vídeos, transpor sua metodologia da sala presencial para a sala virtual, principalmente porque a maioria deles não tinham utilizado esses recursos antes e nem tinham formação para tal. A crítica que alguns autores fazem sobre a formação docente, parte da formação inicial, pois na maioria dos cursos de graduação não tem disciplinas que abordem o uso das tecnologias digitais ou mesmo incentivo para uma formação continuada na área. O que não deveria acontecer, visto que vivemos na era digital e nos tempos atuais, a tecnologia perpassa por tudo e todos. Sendo relevante uma análise crítica da produção e uso das tecnologias educacionais para a formação docente na atualidade, não somente o uso mas a adesão a elas.

Se os professores que por sua vez, tendo formação acadêmica, passaram por dificuldades, isso se intensifica no caso de algumas famílias onde os pais ou responsáveis possuem pouca escolaridade, não dispunham do conhecimento necessário nesse novo formato de ensino em que seus filhos estavam aprendendo a manusear as tecnologias. Muitas famílias se viram perdidas e desesperadas no período do ensino remoto e como seus filhos teriam de aprender com seu auxílio em casa. Os que podiam, contratavam um reforço escolar, mas essa não é a realidade de muitos pais de estudantes das escolas públicas. Para tanto, o auxílio dos pais nas atividades, mais do que nunca, se tornou essencial, visto que a mediação do professor não era suficiente para o ensino-aprendizagem, por estar à distância.

Sobre o segundo tópico por nós destacado: os impactos da pandemia na educação, podemos destacar um fator bastante citado nos artigos, referente a saúde mental dos estudantes, professores e pais. A socialização entre as crianças – brincadeiras coletivas também foi cerceada, o que interferiu tanto no desenvolvimento e aprendizagem como na saúde mental delas. De fato todos sofreram no quesito emocional, principalmente por conta do afastamento social que rompeu com as relações professor/estudante, estudante/estudante e desses sujeitos com parentes e amigos próximos. Analisando os artigos podemos destacar que esse período causou sentimentos como: depressão, ansiedade, pânico, frustração por não estar aprendendo, medo da morte e incerteza pelo futuro. Tudo isso atingiu a todos em meio a pandemia; conseqüentemente os estudantes obtiveram em geral, menor rendimento escolar,

defasagem na aprendizagem e comportamentos estressores em casa, assim como os pais que tinham que conciliar o auxílio nas atividades dos filhos e seus trabalhos presenciais ou *home office*, não diferente dos professores que com problemas semelhantes em suas vidas pessoais, ainda tinham a preocupação de desenvolver da melhor forma o ensino-aprendizagem para que os estudantes sofressem o mínimo de impacto possível.

O excesso de telas também foi um fator que causou prejuízos no desenvolvimento dos estudantes, visto que comumente já utilizavam para entretenimento de forma exacerbada e no contexto de ensino remoto essa utilização aumentou. A dificuldade de concentração também foi uma das características do ensino remoto, considerando que os estudantes estavam em sua própria casa, onde facilmente são distraídos por vários aspectos desse ambiente. Nesse contexto, verificou-se que muitos tiveram impasses para a socialização na volta das atividades presenciais. Não foi um período fácil para ninguém, e todos tiveram que entender uns aos outros e exercer sua função da melhor forma possível para a continuidade do processo educativo.

O professor foi alvo da sobrecarga de trabalho, uma vez que o horário que dedicava às aulas remotas não era suficiente, pois seus alunos viviam em diferentes realidades e contextos, o que às vezes levava o professor a fazer encontros virtuais fora do horário estipulado ou até mesmo atender a demanda exigida pela escola, sem contar que a metodologia do presencial para o ensino remoto sofreu grandes mudanças que também tiveram que ser (re)organizadas pelo docente.

As práticas pedagógicas se viram desafiadas pela mudança do presencial para o online, até porque a Educação Básica pressupõe a presencialidade. Os artigos trazem esse contexto desafiador dos professores transporem a prática docente da sala de aula para o ensino remoto. Nesse sentido, os professores se adaptaram a sua maneira, criando vídeos, postando atividades nas plataformas digitais disponibilizadas pela escola ou no *Google Classroom*, adotando novas metodologias na alfabetização e criando pontes entre o ensino-aprendizagem e as tecnologias para não prejudicar essa etapa educativa de tão grande importância.

Ao analisar os artigos e os contrastes trazidos por eles, percebeu-se que são várias situações que atravessam a educação quando se trata da pandemia. Esse período conseguiu fazer distinção dos que mais podiam e dos que não podiam muita coisa, colocou os professores numa situação desafiadora quanto a sua prática pedagógica e sua rotina de trabalho. Colocou os pais numa zona intensa de acompanhamento das atividades e as crianças que deveriam ter experiências mais ricas para seu desenvolvimento na modalidade presencial, tiveram seus direitos interrompidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pertinência deste tema se justifica pela importância de um arsenal acadêmico referente ao desenvolvimento dos anos iniciais do Ensino Fundamental frente à pandemia da Covid-19. Todo o mundo foi brutalmente atingido por essa pandemia, provocando repercussões que seguem sendo calculados para contenção de danos ou mesmo entendimento do quanto fomos afetados por ela.

Recuperando o objetivo geral deste trabalho, que é compreender como se desenvolveu os anos iniciais do Ensino Fundamental no contexto da pandemia e do ensino remoto e seus principais impactos na formação desses estudantes; podemos afirmar que mesmo que não tenha sido um processo fácil, muitas coisas aconteceram, ampliando tendências em curso e trazendo novas questões educacionais. Essa compreensão surgiu a partir das análises dos artigos, que trouxe as diversas metodologias que os professores usavam para reinventar a aprendizagem das crianças e principalmente a utilização das tecnologias como mediadoras desse processo. Pudemos concluir que todos de alguma maneira sofreram impactos da pandemia, principalmente os estudantes, no que diz respeito ao seu desenvolvimento cognitivo, motor e social, todos limitados pelo afastamento social, nos professores um cansaço acumulado pelo o acréscimo de sua carga horária e condições desfavoráveis de trabalho, sem contar na preocupação em fazer com que as crianças aprendessem e saíssem daquele nível de ensino com as aprendizagens esperadas. Nos pais/responsáveis, sentimentos estressores por verem que seus filhos não estavam tendo um bom desempenho nesse período e alguns por se sentirem despreparados para o auxílio das atividades em ambiente domiciliar.

Em relação aos objetivos específicos de identificar as diferentes análises sobre o ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental no contexto da pandemia; reconhecer os impactos do ensino remoto na aprendizagem das crianças e identificar as dificuldades enfrentadas por estudantes, pais e professores no processo de ensino na pandemia, acreditamos que esses foram alcançados ao analisar os artigos, pois trouxeram diferentes perspectivas dos diferentes sujeitos da educação, nos ajudando a identificar algumas metodologias que foram empregadas devido a necessidade do ensino remoto, suas vantagens e defasagens, percebendo as dificuldades que cada um dos sujeitos viveram, de acordo com a função que deveriam desempenhar nesse processo.

A partir das sínteses dos artigos analisados, destacamos três dimensões que apareceram com força nos artigos: as desigualdades educacionais na pandemia, os impactos da pandemia na educação e as práticas pedagógicas desenvolvidas nesse período. Em termos

metodológicos, quatro dos artigos analisados são balanço da produção e revisão de literatura e três realizam questionário e/ou entrevistas com professores, pais e/ou equipes pedagógicas. Chama a atenção que a maioria não teve pesquisa de campo e consistiu num balanço de outras pesquisas – o que deve-se ao período de distanciamento social e nenhuma delas fez entrevistas e ou questionários com as crianças, estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A partir das sínteses dos artigos, pudemos identificar que o problema da pesquisa foi respondido de forma pontual. Apesar de que é importante ressaltar que ainda estamos superando as crises que a pandemia trouxe consigo, atualmente conseguimos identificar com mais clareza os impactos que essa provocou na educação e nos seus sujeitos.

Este trabalho apresenta limitações quanto ao curto tempo pós pandemia que foi realizado e também a profundidade das discussões presentes nos artigos. Portanto acreditamos que a longo prazo, diante da visão de trabalhos posteriores a este, será possível aprofundar as análises e enxergar a situação de forma mais abrangente, tratando dos impactos e das soluções que foram implementadas e deram certo para a educação, que aqui não foi possível desenvolver.

Os anos iniciais do Ensino Fundamental, etapa muito importante para o desenvolvimento educacional e social de uma criança, principalmente por conter a fase alfabetizadora em seus primeiros anos, passou por diversos desafios no período pandêmico, mas consideramos que os recursos e estratégias disponíveis para amenizar os impactos que poderiam ser agravados se não houvesse continuidade do processo educativo, foram vitais para o contexto. E tendo como foco essa mediação podemos inferir que esta pesquisa conseguiu observar os esforços dos sujeitos da educação.

Visando a contribuição deste trabalho para futuros pesquisadores, acreditamos que será possível extrair daqui algumas referências que foram consideradas para a resposta desse tema nesse período. Contribuindo com a visão da situação de forma diferente, haja visto que produzidas em épocas diferentes.

REFERÊNCIAS

- ARELARO, L. R. G. **O Ensino Fundamental no Brasil:** Avanços, Perplexidades e Tendências. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1039-1066, Especial - Out. 2005.
- AVELINO, W. F. MENDES, J. G. Educação brasileira e sua realidade contextualizada pela pandemia da Covid-19. *In:* SENHORAS, Elói Martins.(org). **Covid-19 e Educação:** Debates entre o Global e o Local. Roraima:UFRR. 2020.p. 127-138.
- BRASIL. Balanço do Plano Nacional da Educação. Semana de Ação Mundial. Campanha Nacional pelo Direito à Educação. Brasília: MEC,2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação. Divulgado resultado da 2ª etapa do Censo Escolar 2022. Brasília, 19 de maio de 2023.
- BRASIL, Ministério da Educação. MEC e Inep divulgam resultados da 1ª etapa do Censo Escolar 2022. Brasília, 08 de fevereiro de 2023.
- BRASIL, Ministério da Educação. Ensino Fundamental de Nove Anos - Publicações. Brasília, 2006.
- BRASIL.Plano Nacional de Educação (PNE). Lei Federal n.º 10.172, de 9/01/2001. Brasília: MEC, 2001.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Covid-19 no Brasil: Painel de acompanhamento diário-20/02/2020 a 03/03/2023. Fev. 2024.
- CARA, D. **Contra o Catastrofismo na Educação Brasileira:** Uma análise detalhada do Saeb 2021 e do Ideb 2021. Campanha Nacional pelo Direito à Educação. 16 de Setembro de 2022.
- CNN. Saeb e Ideb 2021: Alfabetização é a mais impactada pela pandemia. CNN BRASIL, Brasília, 16 de setembro de 2022.
- FREITAS, E. C. P. CASTRO, L. S. GONÇALVES, S. S. **Um Olhar Sobre os Processos de Letramento e Alfabetização na Pandemia do COVID-19:** Revisão de Relatos de Experiência (2019 – 2023). Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.12, ISSN 2178-6925, p. 1-15, 2023.
- GERHARDT *et al.* Estrutura do Projeto de Pesquisa. *In:* GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. (org). **Métodos de Pesquisa.** Rio Grande do Sul:UFRGS. 2009. p.65-87.
- GOULART, C. Alfabetização e ensino da linguagem na escola no contexto da cultura escrita. Pensares em Revista, São Gonçalo-RJ, n. 6, p. 9-22, jan. / jun. 2015.
- GROSSI, M. G. R. MINODA, D. S., FONSECA, Renata Gadoni Porto. **Impactos da pandemia da COVID-19 na Educação:** com a palavra os professores. Revista Thema, Belo

Horizonte/MG, v.21, n.2, p.586-601, 2022.

HONORATO, H. G. Meandros da educação e da aprendizagem em meio à COVID-19: desafios e lições. *In: SENHORAS, Elói Martins.(org). Covid-19 e Educação: Debates entre o Global e o Local. Roraima:UFRR. 2020.p. 53-82.*

INOUE, G. Só um estado brasileiro pode ser considerado alfabetizado ao fim do segundo ano do fundamental, diz MEC. CNN BRASIL, Brasília, 12 de junho de 2023.

JUNIOR, A. B. S. ALMEIDA, L. P. Paradigma crítico-normativo de inclusão educativa de migrantes em tempos de COVID-19. *In: SENHORAS, Elói Martins.(org). Covid-19 e Educação: Debates entre o Global e o Local. Roraima:UFRR. 2020.p. 109-126.*

LIBÂNEO, J. C. **O dualismo perverso da escola pública brasileira:** escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. *Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.*

MEDEIROS, M. H. LIRA, A. C. M. **O Ensino Fundamental no Brasil:** breves reflexões sobre a trajetória histórica, as razões implícitas e implicações práticas para o ensino de 9 anos. *Atos de Pesquisa em Educação - ISSN 1809-0354, Blumenau, v. 11, n.1, p.159-178, jan./abr. 2016.*

OLIVEIRA, G. P. V. **PISA: Uma análise comparativa.** Nova Escola, 2012.Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2941/pisa-uma-analise-comparativa> . Acesso em: 22 out. 2020.

PEREIRA, J. G. N. SANTIAGO, S. B. **Perspectivas e Desafios do Ensino Brasileiro:** Uma Revisão da Educação Remota na Pandemia do COVID-19. *Conexões Ciência e Tecnologia. Fortaleza/CE, v.16, p. 01-10, 2022.*

ROMANZINI, A. V. BOTTON, L. T. J. VIVIAN, A. G. Repercussões da pandemia da Covid-19 em crianças do Ensino Fundamental. *SAÚDE DEBATE | RIO DE JANEIRO, v. 46, n. Especial 5, p. 148-163, dez. 2022.*

SENHORAS, E. M. COVID-19 e Educação: entre a complexidade espacial e as assimetrias empíricas. *In: SENHORAS, Elói Martins.(org). Covid-19 e Educação: Debates entre o Global e o Local. Roraima:UFRR. 2020.p. 15-30.*

SILVEIRA, D. T. CÓRDOVA, F. P. A Pesquisa Científica. *In: GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. (org). Métodos de Pesquisa. Rio Grande do Sul:UFRGS. 2009. p. 31-42.*

SILVEIRA *et al.* Tecnologias de informação e comunicação. *In: GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. (org). Métodos de Pesquisa. Rio Grande do Sul:UFRGS. 2009. p. 89-93.*

SOARES, L. F. SHOEN, T. H. Medidas de prevenção à COVID-19 no retorno às aulas: protocolos de 13 países. *In: SENHORAS, Elói Martins.(org). Covid-19 e Educação: Debates entre o Global e o Local. Roraima:UFRR. 2020.p. 83-108.*

TELASKA, T. S. MACHADO, A. L. **A Pandemia Da Covid-19 e Suas Repercussões Para a Educação Básica:** Revisão Sistemática Da Literatura. Revista Entreideias, Salvador/BA, Vol.11. n. 3, p. 22-38, set/dez 2022.

TONIN, J. MACHADO, A. S. DIAS, Patrícia Ruas. **Pandemia e a escola remota para crianças em fase de alfabetização no Brasil:** cenários de contrastes. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n.55, p.1-23, 2023.

TREVISOL, J. V. MAZZIONI, L. **A universalização da Educação Básica no Brasil:** um longo caminho. Roteiro, Universidade do Oeste de Santa Catarina, v. 43, Esp., p. 13-46, 2018.

VIEIRA, M. F. SILVA, C. M. S. **A Educação no contexto da pandemia de COVID-19:** uma revisão sistemática de literatura. Revista Brasileira de Informática na Educação - RBIE, v.28, p.1015-1031, 2020.